

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**  
**Nathan Oliveira Ferreira**

**ANÁLISE DE RELATOS TEXTUAIS DE SONHOS E SUAS ASSOCIAÇÕES NO  
PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL:  
UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM  
NATURAL E O MÉTODO FREUDIANO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS**

**Belo Horizonte**

**2021**

**NATHAN OLIVEIRA FERREIRA**

**ANÁLISE DE RELATOS TEXTUAIS DE SONHOS E SUAS ASSOCIAÇÕES NO  
PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL:  
UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM  
NATURAL E O MÉTODO FREUDIANO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Gilson de Paulo Moreira Iannini

**Belo Horizonte**

**2021**

150            Ferreira, Nathan Oliveira.  
F383a            Análise de relatos textuais de sonhos e suas associações no período  
2021            da pandemia de covid-19 no Brasil [manuscrito] : uma aproximação  
                  entre o processamento de linguagem natural e o método de  
                  interpretação dos sonhos / Nathan Oliveira Ferreira. - 2021.  
                  91 f. : il.  
                  Orientador: Gilson de Paula Moreira Iannini.  
  
                  Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
                  Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
                  Inclui bibliografia.  
  
                  1. Psicologia – Teses. 2. Interpretação de sonhos - Teses.  
                  3. Pesquisa – Metodologia – Teses I. Iannini, Gilson.  
                  II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e  
                  Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE NATHAN OLIVEIRA FERREIRA

Realizou-se, no dia 31 de agosto de 2021, às 10:00 horas, Google meet, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada ANÁLISE DE RELATOS TEXTUAIS DE SONHOS E SUAS ASSOCIAÇÕES NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM NATURAL E O MÉTODO FREUDIANO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, apresentada por NATHAN OLIVEIRA FERREIRA, número de registro 2019656994, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Iannini - Orientador (UFMG), Prof(a). Ricardo Augusto de Souza (UFMG), Prof(a). Richard Theisen Simanke (UFJF).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 18/10/2024, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gilson de Paulo Moreira Iannini, Professor do Magistério Superior**, em 18/10/2024, às 14:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Richard Theisen Simanke, Usuário Externo**, em 25/10/2024, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3655240** e o código CRC **6BE2B24C**.

*Ao meu filho Francisco, com todo o meu amor!*

## AGRADECIMENTOS

Eu estaria equivocado se acreditasse que nesta folha conseguiria abarcar os vários laços que amarraram e possibilitaram este trabalho. De fato, são muitos nomes, porém mais que nomes, são afetos construídos. Agradeço as pessoas que lembro neste momento, mas estou certo que existem diversos outros nomes e espero que todos se sintam prestigiados.

Quero agradecer meus pais, José Geraldo, e Dágma Oliveira, por não deixarem de apostar no seu filho, por entenderem minhas ausências.

À minha Irmã Aline Oliveira, sempre disposta a dizer do seu amor e aposta em mim.

À minha companheira, Dayane Dias, por ser companheira, por sorrir com a voz, redefinir o sentido da palavra “sonho”, me ensinar outras formas de sonhar, sonhar junto e também contribuir com as complexas tabelas do Excel (risos), leituras dos meus textos, traduções, enfim, por ser elegante e parceira.

À Carla, amiga de tantos momentos, por ter me dado uma frase do Fernando Pessoa, e me possibilitar o conforto de me sentir representado: “Tenho em mim todos os sonhos do mundo” – minha cara, você é fundamental na minha formação!

Ao meu amigo Geraldo, por ajudar na construção do meu projeto de mestrado, por apostar, por ser humano, demasiadamente humano, enfim... Gentil!

Ao Lucas Coelho, meu camarada na psicanálise e na vida.

Ao meu orientador, Gilson Iannini, por me deixar ir com meu desejo, deixar que eu encontrasse o meu caminho, ser paciente e preciso.

À Natália Mota pelas diversas interlocuções, palavras de incentivo e aposta no trabalho.

À “minha” revisora, Dila, por sorrir, por transmitir vida e demonstrar que há um sujeito além do texto.

À banca examinadora, Richard Simanke e Ricardo Augusto pela leitura cuidadosa e rigorosa do meu trabalho.

À Vilma, bibliotecária da Fafich, maravilhosa, sempre prestativa, amorosa, e muito competente.

Aos colegas de mestrado em “Estudos psicanalíticos” na UFMG.

*Nós somos do tecido de que são feitos os nossos sonhos. Shakespeare.*

*O que não podemos alcançar voando, devemos alcançar [claudicando] [...]. “Segundo as Escrituras, não é pecado claudicar”. Abu Harini citado por Freud.*

## RESUMO

**Introdução** – Este trabalho promove uma pesquisa empírica de natureza exploratória de análise de relatos textuais de sonhos, lembranças do dia anterior ao sonho, associações e interpretações. **Objetivo** – Explorar a possibilidade de análise de um grupo de relatos textuais a partir do método freudiano de análise de sonhos, tendo como auxílio investigativo um *software* de processamento de linguagem natural. **Métodos** – Promovemos a descrição da interpretação psicanalítica de sonhos e do funcionamento do *software* utilizado *Speech Graph*. Com isso, verificamos algumas compatibilidades entre concepções freudianas e o funcionamento do *Speech Graph*, que faz uso de parâmetros de análise de rede. Lendo os textos *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891), *Projeto de uma psicologia* (1895) e *A interpretação dos sonhos* (1900), entre outros trabalhos, observamos que Freud fazia uso explícito dos grafos em alguns trabalhos e apresenta uma teoria das associações de palavra afinada com algumas concepções de teoria de rede. Nesses textos, Freud apresenta a concepção de que algumas palavras no relato dos sonhos têm mais importância do que outras porque estarem mais conectadas a um grupo de outras palavras, como um “ponto nodal”, algo próximo do conceito de palavra *hub* em teoria de rede. Nesse sentido, com a hipótese de trabalho de que Freud teria concepções confluentes com a análise de rede, iniciamos a análise dos textos pelo *software*, que detecta as palavras *hub* de cada relato textual. Em seguida, identificamos as *hubs* de cada relato separadamente, dispusemos em quadros, verificamos as palavras *hubs* mais frequentes e agrupamos em categorias essas *hubs* para uma posterior interpretação. **Resultados** – Foi possível realizar um trabalho com o grupo de palavras e o levantamento de algumas questões referentes aos dados e alguns conceitos psicanalíticos. Constatamos que a maioria das pessoas não apresentam em seus relatos de sonhos, como palavras mais conectadas, temas relacionados à pandemia, mas essas palavras estavam presentes nos relatos do dia anterior aos sonhos. Em um segundo momento, formando um grupo com as *hubs* de cada relato encontramos que as palavras mais conectadas dos sonhos são mais ligadas ao contexto das relações familiares e de amizade do que no dia anterior ao contexto social sanitário da pandemia de covid-19. As associações e interpretações sobre os sonhos aumentam as palavras de conteúdo afetivo, notadamente a palavra “medo”. **Conclusões** – A pesquisa exploratória nos abriu diversas possibilidades: verificamos que esse modo de análise, que leva em consideração uma especificidade do método freudiano de interpretação atrelado à teoria de rede, deve ser explorado, uma vez que pode trazer ganhos para a compreensão do funcionamento mental e posta em uma forma de pesquisa psicanalítica.

**Palavras-chave:** Teoria de rede; Teoria de grafos; *Speech Graph*; Interpretação dos sonhos; Método de pesquisa.

## ABSTRACT

**Introduction** –This work promotes an empirical research of exploratory nature of the analysis of textual reports of dreams, memories of the day before the dream, associations and interpretations. **Objective** - To explore the possibility of analyzing a group of textual reports based on the Freudian method of dream analysis, using natural language processing software as an investigative aid. **Methods** – We promoted the description of the psychoanalytic interpretation of dreams and the functioning of the software used in Speech Graph. In doing so, we verified some compatibilities between Freudian conceptions and the functioning of Speech Graph, which makes use of network analysis parameters. Reading *The Project of a Psychology* (1895) and *The Interpretation of Dreams* (1900), we observed that Freud made explicit use of graphs in some works and presented a theory of word associations in tune with some conceptions of network theory. In these texts, Freud presents the conception that some words in the dream report have more importance than others because they are more connected to a group of other words, like a “nodal point”, something close to the concept of the hub word in network theory. In this sense, with the working hypothesis that Freud's conceptions are confluent with network analysis, we began the analysis of the texts by the software, which detects the hub words of each textual report. We then identified the hubs of each account separately, arranged them in tables, checked the most frequent hub words, and grouped these hubs for further interpretation. **Results** – It was possible to work with the group of words, and to raise some questions concerning the data and some psychoanalytic concepts. We found that most people do not present in their dream, as most connected words, themes related to the pandemic, but these words were present in the reports of the day before the dreams. In a second moment, forming a group with the hubs of each report, we noticed that the most connected words of the dreams are more connected to the context of family and friendship relations than the day before to the social health context of the covid-19 pandemic. The associations and interpretations on the dreams increase the words of affective content, notably the word “fear”. **Conclusions** – The exploratory research opened several possibilities: we verified that this mode of analysis, which takes into account a specificity of the Freudian method of interpretation linked to network theory, should be explored, since it can bring gains for the understanding of mental functioning and bet on a form of psychoanalytic research.

**Keywords:** Network theory; Graph theory; Speech Graph; Dream interpretation; Research method.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– O campo da linguística computacional.....	20
Figura 2	– Grafo.....	21
Figura 3	– As sete pontes de Königsberg.....	22
Figura 4	– Grafo de representação de palavra.....	23
Figura 5	– Esquema do caso Signorelli.....	24
Quadro 1	Elementos relacionados na investigação de Freud sobre o esquecimento.....	25
Figura 6	– Diálogo de Freud representado em grafo.....	28
Figura 7	– Diálogo de Freud representado em grafo <i>stop words</i> .....	28
Figura 8	– Comparação entre rede aleatória e livre de escala.....	30
Figura 9	– Grafo com um nó <i>hub</i> .....	31
Figura 10	– Grafo de palavras direcionado.....	31
Figura 11	– Interpretação <i>en masse</i> .....	43
Figura 12	– Interpretação <i>en détail</i> .....	43
Figura 13	– Grafo feito por Freud no <i>Projeto</i> .....	46
Figura 14	– Grafos de representações conscientes e não conscientes.....	46
Figura 15	– Grafo de palavras de um relato de sonho.....	47
Figura 16	– Grafo de palavras de um relato de sonho informando transferência de afeto	50
Quadro 2	– Grupo de representações de Otto e Wilhelm.....	57
Figura 17	– Grafo hipotético do grupo Irma.....	58
Quadro 3	– Etapas do método de pesquisa.....	59
Quadro 4	– <i>Hubs</i> dos relatos de sonhos.....	62
Quadro 5	– Agrupamento de <i>hubs</i> dos relatos de sonhos.....	64
Quadro 6	– <i>Hubs</i> dos relatos do dia anterior.....	66
Quadro 7	– Agrupamento das <i>hubs</i> dos relatos do dia anterior.....	66
Quadro 8	– <i>Hubs</i> das associações.....	68
Quadro 9	– Agrupamento das <i>hubs</i> das associações.....	69
Quadro 10	– <i>Hubs</i> das interpretações.....	69
Quadro 11	– A agrupamento das <i>hubs</i> da interpretação.....	70
Quadro 12	– Frequência de palavra por relatos em cada agrupamento.....	73
Quadro 13	– Lista de frequência de palavras relacionadas à palavra “pandemia”.....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	11
Contexto da pesquisa e do pesquisador.....	11
O problema de pesquisa e a leitura psicanalítica.....	13
Objetivos.....	15
Objetivo geral.....	15
Objetivos específicos.....	15
Questões metodológicas preliminares.....	15
Delimitações da pesquisa.....	16
Estrutura da dissertação.....	16
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	18
1.1 Uso de <i>software</i> para pesquisa psicanalítica.....	18
1.1.1 A relação entre linguística e ciência da computação: o processamento de linguagem natural.....	19
1.1.2 Teoria de rede/grafos.....	20
1.1.2.1 Análise de redes.....	29
1.1.2.2 Textos como redes: o uso de um <i>software</i> para análise de textos.....	32
1.2 Os sonhos para psicanálise.....	33
1.2.1 Método de interpretação dos sonhos.....	38
1.2.1.1 Sonho de Irma em 1895 e 1900: método de interpretação.....	42
1.4 Sonho de Irma: hipóteses para “trimetilamina” no sonho.....	44
1.4.1 Projeto de uma psicologia: entroncamento de ideias.....	45
1.4.2 A interpretação dos sonhos: convergência de ideia e contexto do sonho.....	48
1.5 “Trimetilamina”: trabalho dos sonhos, sobredeterminação e condensação.....	51
<b>2 O PROCESSO DE PESQUISA.....</b>	59
2.1 Sujeitos da pesquisa.....	61
2.2 Recrutamento.....	61
2.3 Tamanho amostral.....	61
2.4 Variáveis de estudo.....	61
2.5 Considerações éticas.....	61
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	62
3.1 Relatos de sonhos.....	62
3.2 Lembranças do dia anterior à noite do sonho.....	65
3.3 Associação .....	68
3.4 Interpretação.....	69
3.5 Síntese das análises.....	70
3.6 Interpretação de sentimento e pensamentos sobre a pandemia.....	73
<b>CONCLUSÃO.....</b>	75
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	77
<b>ANEXOS.....</b>	80

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho informa sobre um estudo empírico exploratório referente à análise de relatos textuais de sonhos noturnos, bem como seus restos diurnos, associações e interpretações relatadas por adultos no período da pandemia de covid-19 no Brasil. O material de trabalho que subsidia nosso desenvolvimento foi coletado por meio da pesquisa *Sonhos confinados*, realizada no período de 10/04/2020 a 24/07/2020, da qual participei inicialmente.

Esta pesquisa reuniu mais de 800 relatos textuais de sonhos, que, no primeiro momento, foram recepcionados e tratados pelo *software* de processamento de linguagem natural (PLN) *Speech Graphs* e analisados por uma medida de centralidade de teoria de rede a partir de um modelo específico de rede: as redes livres de escala.

Em seguida, nos servimos do método de investigação e interpretação dos sonhos de Sigmund Freud fazendo uso da sua concepção de associação de palavras. Nesse sentido, trata-se de uma “iniciação à investigação” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 238) do tema “sonho” em psicanálise, explorando também a aproximação com um método computacional através da teoria de rede, como um modelo que mimetiza a concepção freudianas de associações de palavras.

### Contexto da pesquisa e do pesquisador

Esta pesquisa ocorre no mesmo período em que um evento sanitário de grande monta assola centenas de países: a pandemia de coronavírus.<sup>1</sup> O vírus, cujas primeiras ocorrências foram registradas em Wuhan, na China, é causador da covid-19, que pode levar ao surgimento da síndrome respiratória aguda grave. Em um pronunciamento de 30 de janeiro de 2020, o diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) Tedros Adhanom Ghebreyesus anunciou o surto de coronavírus, que afetava, até então, 19 países, classificando-o como uma “emergência de saúde pública de importância internacional (ESPII)”, um nível mais alto de alerta previsto pelo Regulamento Sanitário Internacional (Organização Mundial da Saúde [OMS] 2020). Uma ESPII descreve a situação como “um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido à disseminação internacional

---

<sup>1</sup>“Covid-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*, em português doença por coronavírus 2019) é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Os sintomas mais comuns são febre, tosse seca e cansaço.” (www.wikipedia.org).

de doenças; e potencialmente requer uma resposta internacional coordenada e imediata” (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2020).

Em 11 de março 2020, a OMS informa que a covid-19 teria se espalhado rapidamente por 114 países, somando, naquele dia, 118 mil casos, com 4,2 mil pessoas mortas (OMS, 2020b). O documento sugere a detecção do vírus através de isolamento de casos suspeitos e rastreamento de contato, além de um trabalho de proteção dos profissionais de saúde em uma organização multissetorial. Naquele momento o surto de covid-19 passa a ser considerada uma “pandemia”, palavra que faz referência à “distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade” (OPAS, 2020). Esse foi o começo de uma crise sanitária, seguida de momentos cada vez piores amplamente noticiado na televisão, jornais e mídias sociais. Com isso, temas como “pandemia”, “isolamento social”, “quarentena”, “número de mortes pela covid-19”, entre outros, passaram a fazer parte do vocabulário das pessoas.

Hoje, 04 de agosto de 2021, há a detecção de 424.716 novos casos, 198.778.175 casos confirmados, 4.235.559 mortes, e o número de pessoas vacinadas é de 3.886.112.928. No Brasil são 30.624 pessoas vacinadas, 19.938.358 casos confirmados, 556.834 pessoas mortas e 133.729.193 pessoas vacinadas (OMS, 2021), em uma população estimada, em 2010, em 190.755.799 habitantes. Nesse cenário, diversas atividades que geravam aglomerações, como aulas presenciais, foram canceladas para diminuir a proliferação da covid-19.

Inspirados pelas pesquisas que envolviam o estudo dos sonhos<sup>2</sup> e pela importância do tema para a psicanálise, um grupo de psicanalistas pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade de São Paulo (USP), buscou compreender os efeitos da pandemia por meio do estudo de relatos textuais de sonhos, com a pesquisa *Sonhos em tempo de pandemia*, que ocorreu totalmente *on-line*. Através da coleta de dados recebidos principalmente pela rede social *on-line Instagram* e por *e-mail*; foram registrados mais de 884 relatos, que serviram de *corpus*, ou seja, uma base de dados que usamos em nossas análises.<sup>3</sup>

O presente trabalho de dissertação é, portanto, um desdobramento da pesquisa *Sonhos em tempo de pandemia*. Participei das primeiras reuniões da equipe e certamente foi marcante o espírito de produzir um trabalho em conjunto com diversos pesquisadores de outras áreas, além de explorar métodos pouco usuais em pesquisas psicanalíticas. Nesse sentido, vislumbramos a abertura e a ampliação das discussões teóricas e práticas entre psicanálise e

---

<sup>2</sup> Trata-se de um tema que envolve diversas pesquisas atualmente, notadamente em neurociência.

<sup>3</sup> Esta pesquisa deu origem ao livro *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*, publicado em abril de 2021, com diversas análises sobre o banco de dados de sonhos e associações que utilizamos parcialmente neste trabalho.

outras ciências, um efeito da pandemia que se estendeu para diversos campos da ciência, do trabalho e da vida cotidiana.

### **O problema de pesquisa e a leitura psicanalítica**

Busquei desenvolver uma análise que pudesse oferecer uma resposta ou contribuir com o campo de discussão sobre o seguinte problema: de que forma o método de interpretação dos sonhos de Freud pode auxiliar na análise de um grupo de relatos textuais de sonhos e suas associações? Para avançar nessa questão, o percurso metodológico que adotei propõe fazer uso de um *software* de processamento de linguagem natural<sup>4</sup>, promovendo, com isso, uma aproximação do método de Freud com a teoria de rede utilizada no algoritmo do *software* utilizado.

Dessa forma, o paradigma que seguimos está exposto não só na teoria dos sonhos de Freud, mas também em seu método, na aposta de que o autor possa ser um teórico de rede *avant la lettre*, ou seja, que esse seria um modelo importante para o autor pensar o funcionamento mental.

Nesse sentido, apresentamos o desenvolvimento teórico com a abordagem psicanalítica cotejando-a com a abordagem de teoria/análise de redes a partir de uma possível compatibilidade entre elas de modo exploratório – É a nossa hipótese de trabalho! Exploramos de forma prática investigando os relatos de sonhos e suas associações; as referências teóricas são principalmente o *Projeto de uma psicologia* de (1895) e *A interpretação dos sonhos* (1900) de Freud.

Vale mencionar também que, dentro do desenvolvimento da teoria psicanalítica, objetivou-se fazer presentes algumas concepções gerais, sobre a associação de idéias, quais sejam: (a) o conteúdo da fala e da linguagem humana é ‘sobredeterminado’ por associações mentais diversas, mesmo que esse determinismo seja marcado por uma incompletude; (b) os sonhos são uma via privilegiada para compreender o funcionamento mental e suas associações.

Em outras palavras, fica para nós o determinismo de Freud quanto à natureza da mente humana como ponto fundamental, e a importância do conceito de inconsciente como aquele que permite fazer inferência à etiologia e à causalidade de alguns derivados do inconsciente,

---

<sup>4</sup> A atitude que me proponho enquanto pesquisador visa também defender uma posição menos doutrinária na pesquisa em psicanálise. Temos alguns exemplos de novas perspectivas, como o trabalho do pesquisador Christian Dunker, com a releitura de um caso clínico *Comentário ao Caso Antonio*, o método de trabalho empírico-conceitual de Padovan (2020) e o trabalho de Beer (2015) sobre ciência e psicanálise.

não apenas dos sonhos, mas também dos lapsos, dos esquecimentos e dos chistes da vida diária, os quais guardam seu sentido fora da consciência. Já a incompletude desse determinismo tem relação com a descoberta de que seria impossível o acesso a todo o funcionamento mental, pois existe um *gap* entre as vivências do sujeito em vigília e suas representações na linguagem. Além disso, há uma distância entre o “trabalho do sonho”, as operações que transformam o material dos sonhos, os estímulos corpóreos, os restos diurnos e o pensamento dos sonhos em uma formação como sonho manifesto, ou seja, o sonho narrado pelo sonhador.

O texto dos sonhos é fruto do trabalho que se realiza nas associações que estão dispostas na mente do sonhador enquanto ele dorme. Trata-se aqui de explorar esse texto nem de determinar como um sonho sonhado, chamado “sonho latente” por Freud, transforma no sonho manifesto relatado, mas apostar que o sonho é algo que se dá entre ambos – o sonhado e o narrado – e nos interessam, sobretudo as causas que podem animar as conexões que se estabelecem no sono, essa condição biológica que cria possibilidades para um processo em que, segundo Freud (1900/1996), promove uma hipermnésica e uma hiperassociação que, em regra, não obedece à lógica própria a um discurso ou ao regime da fala/conversa entre pessoas.

Com isso, como já observado por Freud, não se trata de fazer surgir aqui uma concepção de que o sonho compõe uma formação de um inconsciente misterioso, nem racional, mas de um que se evidencia na linguagem, de uma rede de associações que se organiza e se reorganiza constantemente no inconsciente, de modo dinâmico.

Além disso, também há a “potencialidade” da transformação no sonho, pois não se trata de uma “rememoração”. Nos sonhos se dá um “passo à frente” (Freud, 1900/1996) e esse passo é uma transformação, um fazer com as elaborações já existentes, a compreensão de como se dá a transferência de investimento libidinal entre as representações, mantendo, com isso, a concepção de que a “transformação nunca é completa e [que] resíduos de fixações libidinais anteriores ainda podem ser mantidos na configuração final” (Freud, 1937/1996, p. 245). Mas é justamente aí que se avança.

Em última análise, quanto à técnica, sabemos que, para Freud, é necessária a presença do sonhador para que se possa trabalhar os sonhos, ou seja, não há sonho sem sonhador, por tudo isso, o for trabalhado entorno dos relatos de sonhos deve se contentar com um avanço mínimo no campo vastíssimo de possibilidades clínicas, das várias formas de interpretar, uma vez que as associações do paciente relacionadas aos sonhos são fundamentais para sua compreensão clínica.

## Objetivos

### Objetivo geral

Explorar a possibilidade de análise de um grupo de relatos textuais de sonhos e suas associações utilizando o *software* de processamento de linguagem natural e o método freudiano para viabilizar a análise de um grupo maior de sonhos.

### Objetivos específicos

- Delimitar brevemente as concepções de método de interpretação dos sonhos;
- Mapear e analisar a partir de uma medida de centralidade de rede as palavras mais conectadas (*hubs*) de alguns grupos de textos de sonhos, restos diurnos, associações, interpretações, pensamentos e sentimentos, utilizando o *software Speech Graph*;
- Promover uma análise exploratória sobre os *hubs* de maior ocorrência em sonhos, restos diurnos, associações, interpretação e pensamentos e sentimentos sobre a pandemia.

### Questões metodológicas preliminares

Em relação ao estudo dos sonhos ou objetos “indignos” para o campo das pesquisas exatas, como disse Freud em uma conferência sobre os sonhos (1915/1996, p.90), é claro o quanto o tema deu ao autor os *insights* de sua “psicologia profunda” (Freud, 1933/1996, p.17), serviu para a construção de seu método e é uma espécie de introdução à teoria das neuroses. E sabemos o quanto Freud tomava os sonhos não em sua totalidade, ou suposta totalidade, mas em seus fragmentos, criticando a possibilidade de análise de sonhos em pesquisa com vários relatos ou fora de uma análise clínica, pois acreditava que deveríamos ter ali as associações do paciente para auxiliar na interpretação. De toda sorte, e não sem alguma ousadia, proponho um trabalho com um conjunto de sonhos como um esforço de tomar a teoria de Freud e, assim, verificar quais são as conclusões possíveis.

Sabemos também que a ideia de construir “uma coletânea de sonhos” é tudo que foge ao interesse de Freud pelo tema. Em resposta a um desses empreendimentos, podemos citar a objeção que o autor fez em uma carta escrita em dezembro de 1937 a André Breton.

Responde que uma “coletânea” sem as “associações” acrescentadas aos sonhos e o “conhecimento das circunstâncias em que o sonho teve lugar” seria um trabalho que “não significaria nada” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 724). Não seria possível não nos afetarmos por essa observação de Freud, mas ainda assim entendemos que é do espírito do autor e da nossa visada enquanto pesquisador psicanalista avançar sobre um terreno ainda em construção.

Desse modo, busco seguir ainda muitas ponderações de Freud e uma delas é a relevância do contexto em que as pessoas sonham. Por isso, a pesquisa compreende também os relatos das vivências ocorridas no dia anterior, o contexto social da pandemia de coronavírus, bem como as associações e as interpretações dos sonhadores. Procuro, deste modo, me distanciar da acusação já relegada a Freud por seu então amigo Fliess de que ele estaria sendo, na interpretação dos sonhos, um “leitor de pensamentos”, pois se trata aqui de tomar os relatos inicialmente sem a sua dimensão semântica e relacionar com suas associações e o contexto social do qual a classe de pessoas que participaram da pesquisa parece fazer parte.

### **Delimitações da pesquisa**

Esta pesquisa (a) não adentra temas relacionados à neurociência dos sonhos; (b) não adentra discussões de cunho epistemológico; (c) não apresenta análise socioeconômica básica dos participantes; (d) não visa apontar possíveis variações na forma e no conteúdo dos sonhos, antes e depois da pandemia de coronavírus.

### **Estrutura da dissertação**

**Capítulo 1 – Fundamentação teórica:** Traz um desenvolvimento sobre o funcionamento do método de interpretação freudiano, a teoria dos sonhos de Freud; informa sobre pesquisas que utilizam *softwares* para análise de dados; define o uso do *Speech Graph* em geral e da análise de rede focando no parâmetro que será usado para análise.

**Capítulo 2 – O processo de pesquisa:** Apresenta o detalhamento de todo o percurso adotado no presente relato de pesquisa, informando o processo de geração das palavras *hub* e sua classificação.

**Capítulo 3 – Resultados e discussão:** Promove a análise de recorrência de palavras e a análise freudiana dos restos diurnos, sonhos, associações, interpretações e dos pensamentos e sentimentos sobre a pandemia.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Uso de *software* para pesquisa psicanalítica

O uso de um *software* e a aproximação com a teoria/prática psicanalítica é ainda muito incipiente, todavia há alguns estudos que buscam trabalhar com a descrição de sessões de análise, como proposto por Meehl (1983 citado por Kaszubowski, 2006). No Brasil, o trabalho de Kaszubowski (2006) é um exemplo de análise de um caso único através de um *software* e sua aproximação com a análise do discurso por meio do processamento de linguagem natural sob o desenvolvimento da linguística de Michel Pêcheux (2013).

Neste sentido, trata-se de um tipo de pesquisa que tem surgido aos poucos, como na Alemanha, onde se busca fazer o uso de desenvolvimento tecnológico para registrar sessões de psicanálise e promover pesquisas. Todavia, não adentramos nesse universo que está descrito no livro *From psychoanalytic narrative to empirical single case research: implications for psychoanalytic practice*, e em *The Ulm textbank management system: a tool for psychotherapy research* (Dahl, Kächele&Thomä, 1988), uma iniciativa que se dá no instituto psicanalítico de Ulm, na Alemanha buscando uma investigação empírica da psicanálise.

Em uma pesquisa no *Google Schoola*, com diversos descritores intercalados (psicanálise, *software*, processamento de linguagem, psicologia), lendo resumos e alguns artigos, não encontramos trabalhos que visam fazer essa interlocução com a psicanálise, não encontramos outros trabalhos que façam essa interlocução com psicanálise. Nesta pesquisa almejamos trabalhar os relatos de sonhos, por isso fizemos também uma busca de periódicos com esse descritor. Foram encontrados poucos artigos que mencionam o trabalho de Freud com sonhos, e em nenhum deles havia psicanalistas pesquisadores. O destaque deste campo de pesquisa se dá por um grupo de pesquisadores da neurociência ligados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no caso do Brasil, como o doutorado da pesquisadora Natália Mota (2013), sob orientação de Mauro Copele e Sidarta Ribeiro.

Os trabalhos desenvolvidos no Instituto do Cérebro, na UFRN, se destacam pelo uso de um *software* de análise estrutural de discurso, utilizando de grafos e teoria de rede para análise de relatos de sonhos – abordaremos este trabalho mais à frente.

### 1.1.1 A relação entre linguística e ciência da computação: o processamento de linguagem natural

Buscamos neste trabalho alguns desenvolvimentos que irão adentrar no campo da psicanálise em um contexto investigativo, como um método de investigação da mente, ou seja, “um procedimento para a investigação de processos mentais [conscientes ou inconscientes] que são quase inacessíveis por qualquer outro modo” (Freud, 1923/1996, p. 253). Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 385), o método de investigação psicanalítico busca “evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito”.

Nesse sentido, uma vez que buscamos aproximar o método psicanalítico de investigação de alguns conceitos em teoria de rede (que iremos apresentar mais à frente), teoria que também orienta o *software* que utilizamos, neste momento trazemos elementos relacionados à interlocução entre linguística e computação.

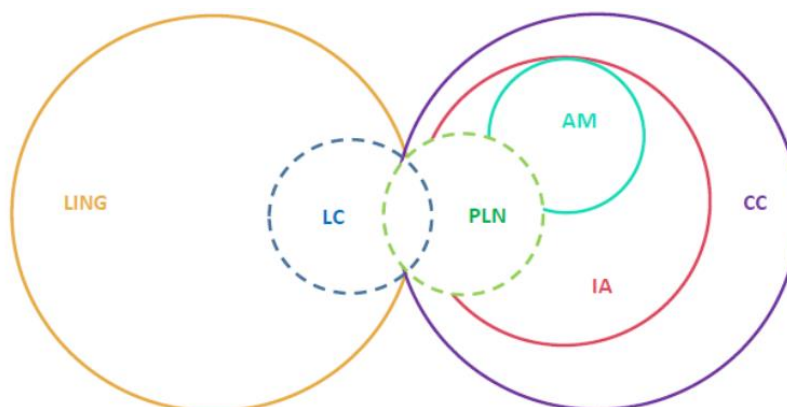
Atualmente existe uma aproximação nas investigações sobre a linguagem com a ciência da computação, e tem crescido a busca de compreender fenômenos da linguagem a partir dessa interlocução (Ferrari, 2004). Esse interesse faz surgir uma nova área para abordar a linguagem – a linguística computacional (Pardelli & Biagioni, 2013). Esse campo, como vimos, pode ser visto como interdisciplinar já que partilha interesse em duas áreas: a ciência da computação e a linguística (Othero, 2006).

Um dos desenvolvimentos encontrados na linguística computacional está relacionado à busca de reconhecimento da linguagem verbal pela máquina (computador), seja ela oral, seja escrita (Vieira & Lima, 2001). E é com essa forma de abordagem que surge o “processamento de linguagem natural” por máquina. A esse movimento Luz (2018, p. 53) informa um campo ainda mais vasto de conexões de saberes diferentes.

Segundo a autora, podemos entender a

[...] Linguística Computacional (LC) e Processamento da Linguagem Natural (PLN) como campos porosos, que se invadem ao compartilharem interesses. Enquanto a LC situa-se, essencialmente, no território da Linguística (LING), o PLN insere-se, sobretudo, no domínio da Inteligência Artificial (IA), serve-se do Aprendizado de Máquina (AM) e, assim, concentra seus estudos, majoritariamente, no território da Ciência da Computação (CC). (Luz, 2018, p. 53).

**Figura 1 – O campo da linguística computacional**



Fonte: Luz, 2018, p. 53.

Outro ponto a ser mencionado é que o processamento de linguagem natural participa dos desenvolvimentos da linguística de *corpus*, área que “surgiu com a necessidade que estudiosos da língua sentiram de se apoiar em usos reais para fazerem generalizações ou esboçarem teorias a respeito do funcionamento linguístico”, onde o *corpus* é entendido como a organização de um conjunto de textos de linguagem natural agrupado para uma posterior análise com o objetivo de extração de novas informações. Um exemplo da construção de um banco de dados de textos de sonhos seria o *DreamBank*<sup>5</sup> e o *corpus* que aqui trabalhamos, da pesquisa *Sonhos em tempo de pandemia*.<sup>6</sup>

Dessa forma, tendo chegado a um percurso básico necessário para alcançar o processamento de linguagem natural e o trabalho com textos a partir do “aprendizado de máquina”, neste momento tratamos da teoria de rede, uma vez que o *software Speech Graphs*<sup>7</sup> (doravante SG), que usamos nesta pesquisa, utiliza essa teoria para traçar investigações sobre a linguagem.

### 1.1.2 Teoria de rede/grafos

A teoria dos grafos é uma ramificação da matemática que se ocupa da relação entre vários elementos de um conjunto (Wilson, 1996), podendo ser representado por um grafo.<sup>8</sup> Grafos são representados por nós e vértices, e sua compreensão exige um entendimento sobre a linguagem gráfica usada em suas representações, o que não é consensual em sua

<sup>5</sup> [DreamBank](#).

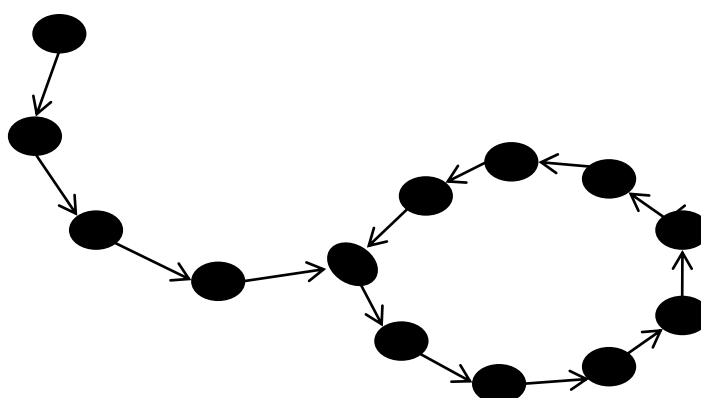
<sup>6</sup> Até o momento este banco de dados não está disponível para outros pesquisadores.

<sup>7</sup> Disponível para *download* em: Instituto do Cérebro (ufrn.br).

<sup>8</sup> Quanto à diferença entre o que é um grafo ou uma rede, nos satisfazemos com a colocação de que um grafo é representação virtual de uma rede, como observa Wilson (1996).

conceituação entre os autores, como observa Wilson (1996). Utilizamos brevemente uma dessas definições. Um grafo ( $G$ ) é a representação de um conjunto de elementos ligados entre si, e as ligações que se apresentam conectam os “nós” ( $N$ ) – também chamado por outros autores de vértice (Silva & Zhao, 2016) – que irão compor o grafo. Essas linhas que ligam os nós são as “arestas” ( $E$ ). Nesses termos, um grafo pode representar uma relação entre empresas, entre pessoas e diversos outros relatos representados como  $G(N, E)$ , onde “ $G$ ” representa grafo, “ $N$ ” o número de nós e “ $E$ ” de arestas. Vejamos um exemplo a seguir.

**Figura 2 – Grafo simples**



Fonte: Elaboração do autor.

Em nosso uso da teoria de rede/gráfico nosso interesse é pela relação entre os nós, ou seja, como eles se conectam. Mas para compreender isso, vale informar um pouco sobre o que seria a teoria de rede. Existem duas vertentes para essa teoria: uma qualitativa, que vem da sociologia e utiliza métodos qualitativos, e outra, quantitativa, que busca, sobretudo promover a modelagem e a construção de ferramentas estatísticas, como o *Speech Graph*, *NetMilner*, *Ucinet*, *Social Net Analysis*.<sup>9</sup>

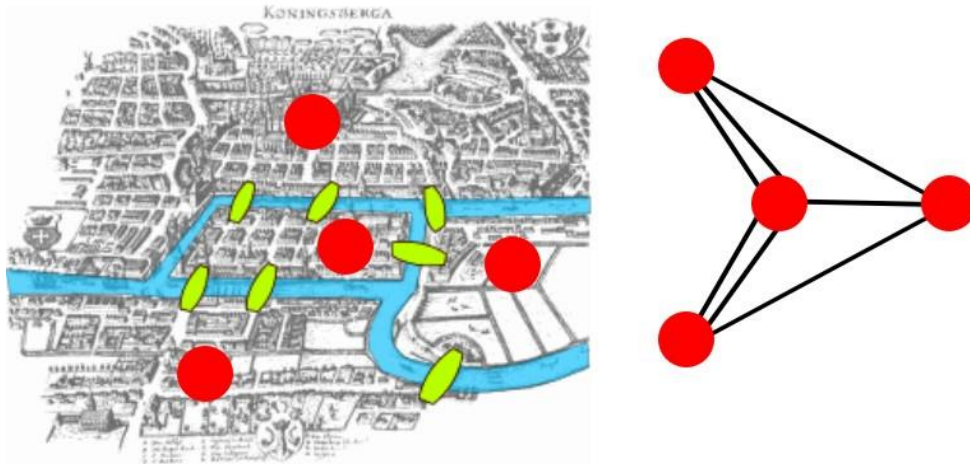
Segundo Borba (2013, p. 11) muitos desses *softwares* “estão munidos de algoritmos de *layout* que permitem uma boa visualização da estrutura da rede”, com a construção de grafos que se aproximam daqueles que vimos acima.

Há vários exemplos de redes representadas por diagramas como observam Silva e Zhao (2006), como em tecnologia, biologia, redes sociais, organizacionais, de informática, semânticas, de internet, sistemas químicos, financeiros e neurais, e essas redes podem ser modeladas por grafos, porque são compreendidas também como fórmula matemática.

<sup>9</sup> A topologia dessas redes passa por matematização, entretanto não iremos nos ater a esse processo. Todavia, compreendemos que um aprofundamento entre a teoria, ou, sobretudo, método e prática psicanalítica indica para essa necessidade com vemos a seguir.

Portanto, a importância da teoria pode passar, sobretudo, por entendermos sua eficácia enquanto modelo para pensar relações simples ou modernas, e, no nosso caso, entender quais são os indivíduos mais influentes de uma rede, uma rede social, por exemplo. Retomando alguns dados históricos, as elaborações sobre redes e grafos se iniciam com o experimento feito em 1736 por Leonhard Euler, que propôs uma explicação para um problema de lógica, informando ser impossível cruzar sete pontes de Königsberg passando somente uma vez por cada ponte e vindo a retornar no ponto inicial. Para esse experimento, o matemático fez uso de pontos (vértices ou nós) como representação das regiões da cidade e de linhas (arestas) para as pontes. Esse processo fez surgir uma interligação que deu origem a um grafo, como vemos abaixo.

**Figura 3 – As sete pontes de Königsberg**



Fonte: Universoracionalista.org.

Além desse exemplo, podemos citar que em 1926 o trabalho de Boruvka na Morávia, na década de 1930; Moreno e os seus sociogramas para representar redes sociais, buscando uma análise dessas redes; em 1959 os trabalhos de Erdos e Rényi com os seus grafos aleatórios; 1967, os trabalhos do psicólogo Stanley Milgram informando mais sobre os “fenômenos do mundo pequeno” (Borba, 2013, p. 12-16), entre outros exemplos. Ainda segundo Borba (2013), na década de 1970 as concepções de centralidade de uma rede começam a ganhar foco, ponto central para nosso estudo de rede, pode-se dizer que a centralidade busca identificar a relevância de um nó na rede, esse é nosso foco.

Freeman citado por Borba (2013) buscou organizar as várias medidas que existiam para uma rede. Como marco histórico disso, temos em 1998 o artigo *Collective Dynamics of ‘small-world’ networks*, de Watts e Strogatz, retomando a ideia de “rede de mundo pequeno”.

Para eles, trata-se de uma rede em que a distância entre quaisquer dois nós tende a ser pequeno, o que vemos se formar quando, em uma rede de palavras, se leva em consideração a polissemia das palavras.

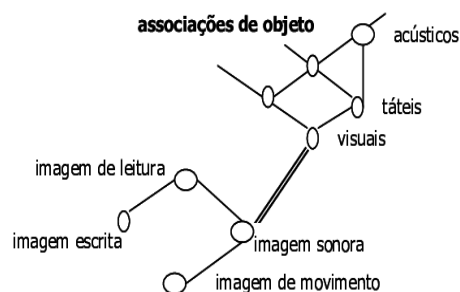
Essa organização muito “condensada” trata também da importância maior de um nó sobre outro, e um exemplo disso podemos ver no uso desse conhecimento pelo sistema de busca da *Google* com o algoritmo *PageRank*,<sup>10</sup> que identifica as páginas mais relevantes de um assunto, exemplo que busca localizar elementos mais expressivos na rede.

Segundo Borba (2013), na busca por identificar um nó mais conectado de uma rede:

Na década de 2000, temos relatos de usos da análise de redes sociais aplicadas a redes terroristas. Em 2002, Krebs [16] publica um artigo analisando as conexões entre os envolvidos nos ataques às torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001. Em 2003, Hougham [17] relata que análises similares levaram à captura do ditador iraquiano Saddam Hussein. Como reflexo desses e outros episódios, em 2005 um comitê do governo americano considerou a Ciência de Redes como uma área estratégica para a segurança nacional [18]. O surgimento das redes sociais *online*, em especial o Orkut e o Facebook, ambos surgidos em 2004, gerou grandes conjuntos de dados para a análise de redes, e essas redes e subconjuntos delas são objeto de intensa pesquisa até hoje. Assim, os grafos analisados hoje em dia têm tamanho massivo, muitas vezes da ordem de milhões de nós ou mais. (p. 16).

Apesar de buscarmos menções aos trabalhos de Freud, não encontramos nenhuma menção ao autor que fosse relacionada à história da teoria de rede. Apesar disso, ousamos aqui mencioná-lo, pois, embora não faça parte da nossa pesquisa, num aprofundamento na história da teoria de rede mais à frente, veremos que o autor desenvolve uma compreensão semelhante com a psicanálise.

**Figura 4 – Grafo de representação de palavra de Freud**



Fonte: Freud, 1891/2016, p. 102.

<sup>10</sup> “PageRank™ é um algoritmo utilizado pela ferramenta de busca Google para posicionar websites entre os resultados de suas buscas. O PageRank mede a importância de uma página contabilizando a quantidade e qualidade de links apontando para ela. Não é o único algoritmo utilizado por Google para classificar páginas da internet, mas é o primeiro utilizado pela companhia e o mais conhecido”.



maior alcance do que a valorização usual que se dá ao fenômeno”<sup>11</sup> (1898/1996, p.120). Essa explicação é o que vai dar sentido ao esquecimento. Como os sonhos, Freud buscou um sentido para o esquecimento na própria dinâmica psíquica do sujeito, ou seja, em suas redes de associações. Daremos mais explicações quanto a esse fenômeno buscando salientar alguns pontos da teoria freudiana.

Quanto à descrição de um exemplo de esquecimento, Freud (1896/1996) diz:

O nome que tentei lembrar em vão, no exemplo escolhido para análise em 1898, foi o do artista que pintou os afrescos magníficos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto. Em vez do nome que eu procurava – *Signorelli* –, impunham-se a mim os nomes de dois outros pintores – *Botticelli* e *Boltraffio* – embora fossem imediata e decisivamente rejeitados por meu juízo como incorretos. Ao ser informado por outra pessoa do nome correto, reconheci-o prontamente sem hesitação. (p. 20).

Nesse sentido, o “processo” que leva ao “deslocado” do nome e a um “substituto” é altamente complexo. A hipótese de Freud é de que “esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis” (Freud, 1898/1996, p. 19), ou seja, essa relação entre as associações estão ligadas a um histórico de associações relacionadas e levam para um lugar importante das elaborações do sujeito.

Com isso Freud entende que “a investigação das influências e das vias associativas pelas quais a reprodução do nome assim se havia deslocado de Signorelli para Botticelli e Boltraffio levou aos seguintes resultados” (Freud, 1898/1996, p. 20). O Quadro 1 a seguir informa esses resultados com o intuito de explanar a gama de elementos relacionados em sua investigação sobre o esquecimento: não iremos trabalhar.

**Quadro 1– Elementos relacionados na investigação de Freud sobre o esquecimento**

<b>Caso Signorelli</b>	
a. Nome esquecido	Signorelli
b. Tema tratado	Afresco de Orvieto; Morte; Juízo; Inferno; Paraíso (Os novíssimos)
c. Tema anterior	Pacientes (turcos) que preferem a morte à impotência
d. Conteúdo da repressão	A necessidade de esquecer o suicídio da paciente a ele noticiado em Trafoi. Genericamente trata-se da relação “morte e sexualidade”.
e. Associação externa	Manifestou-se na produção de nomes substitutos, Botricelli e Boltraffio, por meio de: (a) dissociação de Signorelli em Signor-elli; (b) reassociação de signor=bo em ambos os substitutos, mais -elli em um, e traffio (Trafoi) em outro.

Fonte: DiGiorge&Giorgi, 1990. Adaptação do autor.

<sup>11</sup> A formação de memórias, bem como seu funcionamento, é um dos temas que mais movimentam a retomada do interesse na obra de Freud no campo das neurociências.

Para Freud, o “tema anterior” (c) se tornou o “conteúdo da repressão” (d), ou seja, um tema leva a uma vivência de desconforto, é recalçado, e surge outra palavra substituta a Signorelli. As “associações externas” (e) são assim uma rede de representações que fazem parte, de algum modo, das diversas associações inconscientes que se dão em torno do processo da fala. Segundo Casanove (2018)

Em outra associação o nome poderia ter sido lembrado sem problemas. Por sua vez, “Bósnia” e Trafoi, donde recebera a notícia do suicídio de uma paciente com afecções sexuais, se condensam nos nomes substitutivos Boltraffio e Boticelli. Diferenciamos o esquecimento comum daquele que resulta do recalque pelo fato de que em lugar da representação recalçada quase sempre aparece de forma nítida uma outra lembrança associada, como o ilustra o exemplo do esquecimento do nome do pintor Signorelli. Podem-se, então, discernir dois momentos. Primeiro, com base em associações, o nome torna-se ocasião de desprazer, levando-o a ser recalçado. Segundo, também por associação, apresenta-se uma representação substituta. (p. 124).

Um detalhe, contudo, passou despercebido no quadro acima quanto às “associações externas”: além dos nomes que Freud lembra Boticelli, e Boltraffio, temos a imagem do autorretrato do pintor que Freud diz ter surgido. Nas palavras do autor:

eu era capaz de evocar os quadros com maior nitidez sensorial do que me era comum. Vi diante de meus olhos, com nitidez especial, o autorretrato do artista - com o rosto sério e as mãos cruzadas -, que ele pusera no canto de um dos quadros, próximo ao retrato de seu predecessor na obra, Fra Angelico da Fiesole; mas o nome do artista, geralmente tão familiar para mim, permanecia obstinadamente oculto, sem que meu companheiro de viagem pudesse me ajudar. (Freud, 1898/1996).

Dessa forma, a imagem traz à tona a ideia de que o “esquecimento” ou “repressão” não foram bem-sucedidos, uma vez que a “representação” do pintor surge como imagem, ou seja, retorna. O que seria importante reter desse ponto é, sobretudo, o caráter minucioso que Freud imprime às várias relações – ou associações – que se pode estabelecer com o esquecimento, e a vivacidade em que se apresenta a imagem do autorretrato do pintor, que ele via diante de si, ponto importante para pensarmos o sonho de Irma. A elisão de uma palavra no discurso no esquecimento, ou mesmo a sua substituição, em decorrência de uma repressão ou recalque – qualquer especificidade quanto a essas diferenciações não nos interessa agora. Trata-se um tema de importância singular para a psicanálise e uma aproximação com a teoria de rede.

No caso do sonho de Irma, comentado em *A interpretação dos sonhos*, a apresentação da palavra “trimetilamina” pode estar associada a uma repressão de Freud a elementos relacionados com a sua relação com Fliess, um amigo e interlocutor da época, detalhe que

veremos mais adiante. Vale salientar que o esquecimento mobiliza outras palavras, e as associações em geral se aproximam da palavra esquecida ou têm relação com ela. Essas outras elaborações são aquelas que muitas vezes o analista ou a própria pessoa pode alcançar sozinha e avançar no entendimento de um elemento num sonho ou na fala corrente. É importante considerar o esquecimento como relacionado a várias associações, por isso há uma evidência no discurso corrente. Não nos parece diferente no relato do sonho manifesto, onde, em algum momento, a palavra se ausenta ou se evidencia no conteúdo do relato, e assim há um “estranhamento” com o aparecimento de uma imagem “estranha” ou uma palavra.

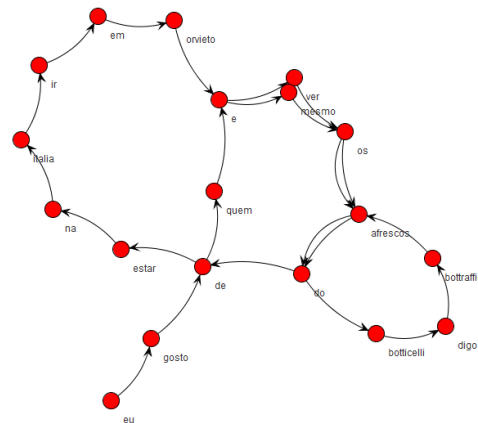
No sonho de Irma surge a fórmula química representada em “grossos caracteres no sonho”, com “vivacidade”, como o autorretrato do Signorelli. Com isso, seria coerente uma aproximação da ideia de um esquecimento ou do aparecimento de uma palavra de forma muito vivaz em um sonho com a concepção de que essas palavras concentram muitas associações importantes para esse sujeito? Seriam palavras “concentradoras”, *hubs* (veremos esse conceito à frente), como lemos em teoria de rede? Enquanto experimento e com as ressalvas do modo de análise exploratório que fazemos, compreendemos que sim!<sup>12</sup>

Nesse sentido, na Figura 6 a seguir, vemos uma representação gráfica de um diálogo construída por nós, que poderia representar a conversa feita por Freud no dia em que ele buscou se lembrar do nome Signorelli. Com toda a arbitrariedade empreendida em um diálogo imaginário, embora provável, representamos como ficaria um grafo em que o discurso de Freud apontaria para uma palavra mais conectada à palavra “afrescos”, colocando-a como a palavra que nos levaria a elaborações fundamentais do sujeito a uma rede inconsciente de palavras. No grafo a seguir, é possível ver que “afresco” é a palavra mais conectada, ou seja, há mais entradas e saídas de arestas nesse nó, fazendo com que em relação aos outros nós seja um *hub* – explicaremos a frente o que uma palavra *hub*.

---

<sup>12</sup> Citamos aqui o texto de Casanave (2008, p. 163) que desenvolve em sua tese um trabalho sobre a memória para Freud: “Em síntese, identificamos o caráter *sui generis* do associacionismo freudiano em: 1) a atividade associativa poder ser consciente ou inconsciente; 2) estar orientada por representações-meta; 3) a associação entre uma representação sexual não assimilada e uma outra posterior poder determinar a posteriori o significado patogênico da primeira (por extensão, também a possibilidade de ressignificar vivências retrospectivamente); 4) a associação estar na base dos processos de condensação, substituição, deslocamento, sobredeterminação e elaboração secundária; 5) as conexões associativas formarem redes de representações com pontos de convergência”. Nestes trabalhos levamos em consideração o ponto “4”, e buscamos desenvolver o ponto “5”, tratando dele, em teoria de rede, como um “*hub*”.

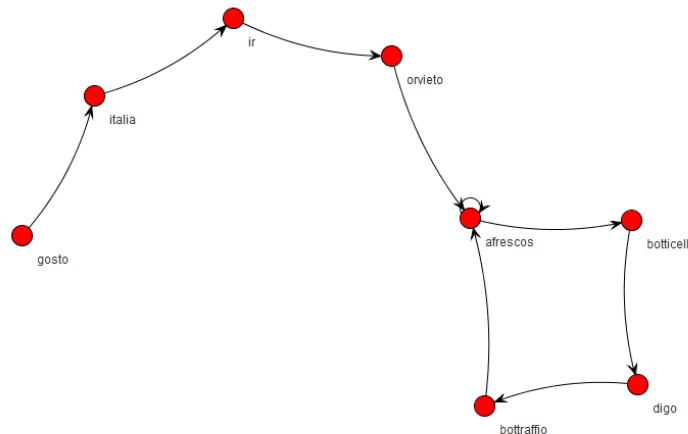
**Figura 6 – Diálogo de Freud representado em grafo**



Fonte: Elaboração do autor.<sup>13</sup>

Na Figura 6 vemos as elaborações com a exclusão das *stop words*,<sup>14</sup> e na Figura 7 retirando essas palavras.

**Figura 7 – Diálogo de Freud representado em grafo com *stop words***



Fonte: Elaboração do autor.

Como vimos no exemplo do autor, a tentativa de recordar uma palavra evidenciam diversas associações em torno dela e marca um processo de deslocamento e condensação. Compreendemos, com Freud, que tanto uns quanto outros mecanismos apontam para um conglomerado de associações onde elas podem convergir. Estamos compreendendo que esses entroncamentos são ponto que necessitam de análises, pontos importantes que o grafo acima

<sup>13</sup>“Eu gosto de estar na Itália ir a Orvieto e ver os afrescos do Botticelli, digo, Boltraffio, afrescos do... de quem são mesmo os afrescos?”.

<sup>14</sup>Em computação, uma “stop word” (palavra vazia) é uma palavra ou um grupo de palavras removidas antes ou após o processamento de um texto advindo da linguagem natural, a depender do objetivo deste processamento, podendo ser palavras funcionais como “o”, “a”, “em”.

localiza como a palavra “afrescos”, tomando esta palavra como uma *hub*. Nesse sentido, seria sobre essa palavra que um analista promoveria o que Freud chama no texto sobre o esquecimento de “análise psíquica”.

Entretanto, não é necessariamente a partir desse exemplo que vemos emergir uma aproximação entre Freud e a teoria de rede – apesar dele apontar para nosso argumento central –, mas com o relato do sonho de Irma, que trataremos à frente onde acreditamos ficar mais evidente a relação que estabelecemos.

### 1.1.1.1 Análise de redes

Borba (2013) afirma:

Ao longo das últimas décadas, diversas ferramentas têm sido estudadas a fim de melhor caracterizar a estrutura de redes e seus componentes. Estas incluem o cálculo de parâmetros e a detecção de padrões, tanto globais (considerando a rede como um todo) quanto locais (considerando apenas um nó ou *link*, ou um pequeno grupo), bem como a análise de processos em uma rede em evolução. (p. 19-20).

A análise de redes é vista como a área do conhecimento em que se busca investigar a estrutura de uma rede a fim de obter informações sobre sua interação e seus elementos (Borba, 2013, p. 1). Para isso, existem muitos parâmetros possíveis de análise,<sup>15</sup> como “Parâmetros globais: distribuição de graus, comprimento de caminho, centralidade. Parâmetros locais: mediação, grau. Padrões locais: aglomeração, transitividade, *motifs*. Processos: difusão, coordenação, falhas” (Borba, 2013, p. 19-20). Neste trabalho vamos nos ater somente ao “parâmetro local” de “grau”.<sup>16</sup>

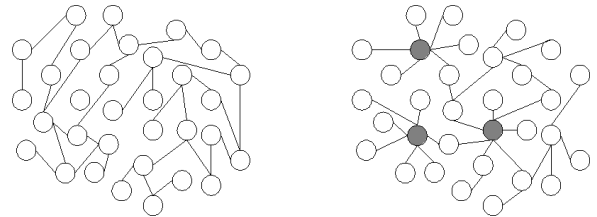
O que nos interessa precisar, antes de dizer sobre a centralidade, é compreender a diferença entre “redes aleatórias” e “redes preferenciais”. Há vários “modelos de redes”, mas vamos informar basicamente as “redes com conexões preferenciais” [*preferential attachment*], que dá origem à “rede livre de escala” (Silva & Zhao, 2016), ou seja, uma rede onde as conexões irão se concentrar em um nó, ou alguns nós específicos, os quais, por serem mais conectados, se tornam cada mais conectados ainda, obedecendo assim a “lei de potência”, fazendo, assim, com que uma rede seja “dominada” por alguns “nós” mais cone

<sup>15</sup> Encontramos na literatura especializada diversos parâmetros, e muitas vezes com nomes diferentes. Optamos por não trazer todas essas informações e focamos somente em um parâmetro. Seguimos aqui os desenvolvimentos feitos na dissertação de Elizandro Max Borba, *Medidas de centralidade em grafos e aplicação em redes de dados*.

<sup>16</sup> Estamos cientes do quanto outros parâmetros devem ser explorados, como de mediação, bem como parâmetros de aglomeração, por exemplo.

conectados, um fenômeno presente no modelo de Barabási e Albert que traz a ideia do nó *hub* como um nó “concentrador”. Ou seja, pensando em uma rede de relações interpessoais, uma pessoa tem mais probabilidade de ser amiga de outra, que tem muitos amigos, do que alguém com poucos amigos. Vejamos abaixo o grafo de uma rede aleatória, e de uma rede livre de escala:

**Figura 8 – Comparação entre rede aleatória e livre de escala**



(a) Random network

(b) Scale-free network

Fonte: Scale-free network - Wikipedia.

Observamos que na figura da esquerda todos os nós têm basicamente o mesmo número de conexões, enquanto o grafo da direita aponta para três nós mais conectados.

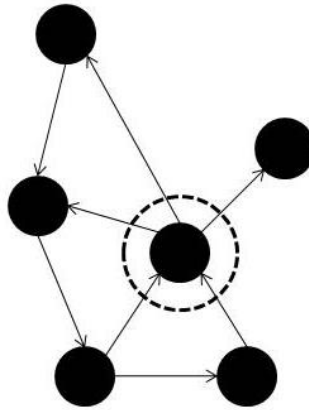
Nesse sentido, o que podemos compreender observando um grafo simples como demonstrado acima, não seria possível com uma rede de muitos elementos. Dessa forma, o uso de um *software* se torna necessário, onde podemos quantificar a importância de um nó em uma “análise de rede”.

A distribuição de grau se dá da seguinte maneira: se em um grafo aleatório cada um dos nós tende a ter o mesmo número de distribuição de conexões, de ligação com outros nós, no caso de “redes com conexão preferencial” isso não ocorre, porque há sempre alguns nós dotados de mais conexões, ou seja, esses nós têm um algum grau de conexões, podendo ser chamados de “concentradores” (*hubs*), o que informa sobre como se dá uma rede com conexões preferenciais.

O elemento que avaliamos como fundamental neste trabalho parte dos desenvolvimentos de Barabási e Albert em 1999. Segundo esses autores, há alguns vértices que recebem um número maior de quantidades de arestas e uma pequena quantidade de vértices que recebem uma pequena quantidade de arestas. Quanto às conexões, considera-se que, se um nó atinge um valor de entrada e saída em relação a outros, este se denomina um nó *hub*, um nó mais importante por estar conectado a vários outros nós.

Na Figura 9 a seguir, representamos um grafo onde há 10 nós e 13 arestas ( $G = 10/13$ ), entre os quais há um nó com mais conexões que os demais, localizado pelo pontilhado na imagem, contando 5 arestas conectadas a ele.

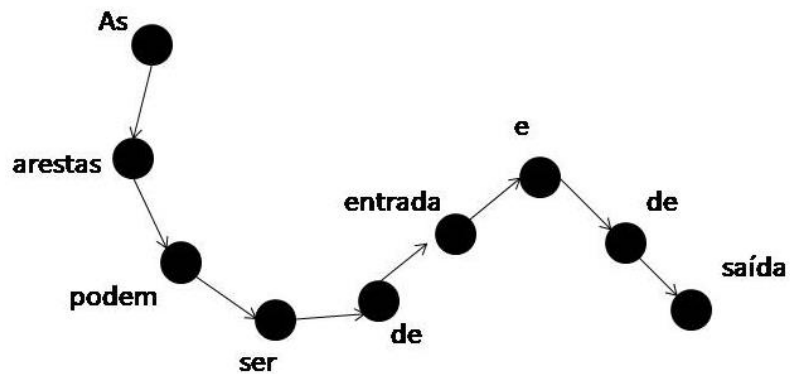
**Figura 9 – Grafo direcionado com um nó *hub***



Fonte: Elaboração do autor.

As arestas podem ser de entrada ou de saída. Esse dado é importante porque podemos construir grafos “direcionados”, ou seja, que seguem uma “lógica” de linguagem, uma sucessão lógica que é representativa do discurso, como na Figura 10.

**Figura 10 – Grafo de palavras direcionado**



Fonte: Elaboração do autor.

### 1.1.2 Textos como redes: o uso de um *software* para análise de textos

Como podemos concluir, seria possível uma análise de rede sem a máquina, mas o computador possibilitou a análise de redes complexas e viabilizou a análise de discursos longos, de livros, com isso,

[...] criando meios para esmiuçar matematicamente qualquer sequência de palavras em termos de sua sintaxe e de sua semântica, isto é, sua estrutura e seu significado. Os últimos anos vêm testemunhando um avanço rápido desse programa de pesquisa eminentemente freudiano: os mapeamentos da mente através das palavras. (Ribeiro, 2017, p. 142).

A análise que buscamos fazer com o SG é totalmente estrutural, sem menção à semântica. Dentro dos desenvolvimentos relacionados, no método e algoritmos usados na classificação de textos usando diversas formas de aprendizado de máquina, há interesse pela teoria de grafos e rede, como temos visto. Vários elementos ligados à linguagem já foram estudados, e em muitos deles os pesquisadores trabalham com o modelo de redes complexas para identificar aspectos não patológicos da linguagem, por exemplo. Nesse sentido, uma rede de palavras é representada por nós que se associam por arestas compreendendo, assim, relações semânticas e gramaticais, como representado na Figura 9.

No processo investigativo do presente trabalho, temos o auxílio do *software* SG. O SG surge com o trabalho de pesquisadores de Natália Mota, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e tem a capacidade de representar a relação de palavras em um discurso por meio de grafos, informando os padrões de conectividade de diferentes formas (Mota, et al., 2014).

O *software* elucida as relações estruturais de um discurso informando a sintática do texto, bem como a relação das palavras, e uma de suas análises extrai a centralidade de grau de um nó. O SG apresenta outros parâmetros de grafos, mas não trataremos dessas possibilidades de análise. Vamos nos atentar somente na localização das palavras *hubs*, ou seja, aquele nó que estaria mais conectado.<sup>17</sup>

\*\*\*

---

<sup>17</sup> Outras informações sobre os atributos de grafo usadas no SG estão descritos no artigo *A Naturalistic Assessment of the Organization of Children's Memories Predicts Cognitive Functioning and Reading Ability* (Mota, et al., 2016), e no guia de usuário do SG [SpeechGraphs\\_UserGuide.pdf \(ufrn.br\)](#)

Até aqui apresentamos um panorama da teoria que nos orienta dentro de dois temas centrais: (a) o processamento de linguagem natural por máquina e (b) o uso da teoria de rede para análise. Temos, nesse sentido, a seguinte definição: a teoria de rede – em sua vertente quantitativa – pode promover uma análise de distribuição do grau dos nós nos textos – ou seja, identificar quais são as palavras mais conectadas, identificando as *hubs* de cada relato, e faremos uma pequena aproximação dessa elaboração com alguns textos de Freud. Mas antes de apresentarmos um exemplo de possível *hub* em trabalhos de Freud, façamos algumas observações teóricas.

## 1.2 Os sonhos para psicanálise

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1996) dá vários apontamentos sobre o que seria o ponto de vista de leitura dos sonhos empreendida por ele, onde, como veremos, as associações do paciente serão fundamentais. Nesse trabalho Freud desenvolve o que chamou de uma “teoria dos sonhos”. Para ele,

qualquer investigação sobre os sonhos que procure explicar o maior número possível de suas características observadas de um ponto de vista particular, e que, ao mesmo tempo, defina a posição ocupada pelos sonhos numa esfera mais ampla de fenômenos merece ser chamada de teoria dos sonhos (Freud, 1900/1996, p. 110).

Mas antes de Freud adentrar em um “seu ponto de vista particular”, ou seja, como ele lê o “sonho” na *Interpretação*, ele faz uma ampla revisão bibliográfica. Em suma, ele se detém longamente em uma crítica às teorias que buscavam explicações apenas somáticas para os sonhos, e não consideravam irrelevantes as vivências diárias do sonhador em sua formação.

O autor encontra quatro fontes para os sonhos: (a) excitação sensoriais externas (objetivas); (b) excitações sensoriais internas (subjetivas); (c) estímulos somáticos internos (orgânicos); (d) fontes de estimulação puramente psíquicas. De todas essas fontes, Freud introduz em seu desenvolvimento um interesse maior pelas fontes “psíquicas”, dizendo que um tratamento sobre a etiologia dos sonhos deveria fazer perguntas que incluíssem outros elementos além dos mais estudados, a saber, os somáticos em geral, e observa que a resposta que identifica que estímulos somáticos semelhantes em diversas pessoas têm respostas diversas. Algumas estimulações são mais ou menos passíveis de experimentação, mas Freud diz da dificuldade em atribuir o conteúdo de um sonho somente ao estímulo orgânico que o

causou.<sup>18</sup> Enfim, Freud conclui que existem sonhos chamados “associativos”, decorrentes de fontes “psíquicas”, e quanto a isso aposta não em uma crítica às concepções “somáticas”, mas não no sentido de uma “correção”, e sim informa sobre a sua “insuficiência”. Com isso, ele traz à baila o fato de que esse valor dado aos sonhos pode ter justificado uma leitura no mínimo reducionista do tema na época (1900/1996, p. 41), em outras palavras, a ideia de que os sonhos são simples fenômeno fisiológico sem sentido ou sem importância alguma. Ou seja, a compreensão dos sonhos sendo totalmente “indeterminados” ou só um fenômeno sem importância contribuiria para que o tema não fosse mais estudado, além de não serem relacionados às associações do indivíduo, ou a sua vida psíquica em geral.

Até aqui vimos que Freud rejeitou uma chave hermenêutica anterior para interpretação dos sonhos, o que ele chama de uma “visão metafísica da natureza da mente”, mas que não rejeitou a fonte somática que, já naquela época, informou ser evidente e já comprovada por diversas pesquisas. O autor chega a dizer que, quanto a isso, “se no momento não podemos enxergar além do psíquico, isso não é motivo para negar-lhe a existência”, mas observa que para ele há uma relação causal entre o somático e o psíquico, e para os sonhos haverá “fontes” tanto somáticas quanto psíquicas, e opta por desenvolver uma pesquisa sobre esse tema “predominantemente psicológica” (Freud, 1900/1996, p. 43), para fugir de determinações etiológicas simplistas<sup>19</sup>.

No *Projeto* Freud (1895/2003) expõe uma primeira teoria sobre os sonhos onde observa algumas características suas, a saber: (a) a condição regressiva da realização de desejo; (b) seu caráter alucinatório; (c) o funcionamento regressivo que se dá nos sonhos como nas alucinações; (d) a condição biológica do sono, que promove uma paralisia motora; (e) a existência do mecanismo de deslocamento nos sonhos; e (f), a aproximação de semelhança entre os mecanismos dos sonhos e o sintoma neurótico. Entre essas contribuições outra observação seria fundamental – existem dois processos que regem o funcionamento psíquico, o processo primário e o processo secundário. Nesse momento Freud só fala de “análise” do sonho, e não de “interpretação”.



---

<sup>18</sup> Por exemplo: uma pessoa submetida a um torniquete no braço enquanto dormia sonha que está tendo o braço cortado por uma serra; a outra sonha que não tem o braço; a outra sonha que o braço é comido por um dragão.

<sup>19</sup> Essa leitura “psicológica”, para nós, não está associada a uma ruptura de Freud com os trabalhos anteriores, como o texto das *Afásias* e o *Projeto*, hipótese trabalhada no texto de Simanke e Caropreso (2011).

A psicanálise visa compreender o sujeito a partir de seus desejos, ou da expressão deles. No mesmo sentido, o valor dos sonhos como “atos psíquicos” para Freud está em estreita relação com sua “teoria da realização do desejo” que concebe que “o sonho é a realização de um desejo”, e a ideia de que o “sonho é o guardião do sono” (Freud, 1900/1996). No último parágrafo da sua da *Interpretação* diz que

os sonhos se originam do passado em todos os sentidos. Não obstante, a antiga crença de que os sonhos preveem o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos decerto nos transportam para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado. (Freud, 1900/1996, p. 645).

O passado ao qual Freud se refere é a infância. Na Seção C do capítulo *Psicologia dos processos oníricos*, ele retoma elaborações do *Projeto*, o que mais à frente chama de uma “ficção de um aparelho primitivo”. Ali postula a existência de um funcionamento primitivo onde compreende haver “correntes no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, [que] demos o nome de “desejo” (1900/1996, p. 624). No *Projeto*, trata-se da formação de um “circuito” que tenderá a ser novamente “investido”, ou trilhado, surgindo mais do que conteúdos, memórias chamadas por Freud de “facilitações”. O desejo será o circuito, e a “realização do desejo” o investimento neste circuito (Freud, 1895/2003). Dessa forma, o interesse nos sonhos é o interesse no desejo mais primitivo.

Freud (1900/1996) explicita o que ocorre:

Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade. (p. 594).<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Até o presente momento, não compreendemos que a noção de desejo e necessidade irão se manter ao longo do desenvolvimento do aparelho psíquico. A necessidade ganha “satisfação” [*Befriedigung*] com a ação específica que leva a um objeto, mas o desejo está ligado a traços mnêmicos que só encontram sua realização (*Erfüllung*) posteriormente de forma aproximativa, como se o objeto se perdesse.

Mas e quanto ao presente e o futuro destacado por Freud no final da *Interpretação*? Sabemos que o momento em que o sonho é sonhado é marcado pela vivência do dia anterior, os chamados “restos diurnos”. Ou seja, vivências no dia anterior à noite do sonho são impactadas pelas representações do dia anterior, os quais contribuem para a formação dos sonhos, onde há um entrelaçamento de elementos “banais” que ganham acesso ao sonho, por não temerem a censura. Assim, “os restos diurnos são eles os verdadeiros perturbadores do sono, e não os sonhos, os quais, pelo contrário, interessam-se em protegê-los” (Freud, 1900/1996, p. 592-593).

Quanto ao futuro, à possibilidade de interpretar esses sonhos, de associá-lo às elaborações do paciente no dia constitui tarefa fundamental, e uma frase de Freud resumiria muito bem isso: “o sonho é um despertar que começa” (1900/1996, p. 604), ou seja, fica claro que à noite o homem se vê como quem não “dorme”, e o que Freud propõe é que existem elementos ali que podem se prestar a um processo de interpretação e construção em análise em um tratamento psicanalítico.

Em suma, a realização do desejo é algo que nos reporta para o futuro, mas ao mesmo tempo, nos amarra no presente e no passado. Essa condição regressiva presente no sonho no possibilita compreender melhor os determinantes, tendo um alcance inclusive político, como

[...] desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos. Como já sabemos, a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção – de proteção através do amor -, a qual foi proporcionada pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso. (Freud, 1927/1996, p.122).

Trata-se de um alcance social para o conceito de desejo. Em suma o desejo está ligado ao inconsciente e o sonho é uma via para ele. Nas palavras do autor

[...] os sonhos são invariavelmente realizações de desejos é que eles são produtos do sistema *Ics.*, cuja atividade não conhece outro objetivo senão a realização de desejos e não tem sob seu comando outras forças senão as moções de desejo. (Freud, 1900/1996, p. 597).

Quanto à possibilidade de realização desse desejo, Freud (1895/1996) explica no *Projeto* como acontece a realização dos desejos no sonho: “O que acontece, por exemplo, não é que o desejo se torne consciente e sua realização seja, então, alucinada”, mas está apenas finalizando: “o vínculo intermediário fica por inferir”. (p.395).

Lemos esta passagem do *Projeto*, compreendendo que o “vínculo” intermediário é entre o inconsciente e o pré-consciente, ou seja, como a formação de um sintoma histérico, que expressa um desejo inconsciente, mas há também um desejo do pré-consciente. Trata-se de uma formação de compromisso que converge em uma única expressão (Freud, 1900/1996, p. 597-598). Assim, além do desejo inconsciente, há outras forças que contribuem para formação dos sonhos.

Freud (1900/1996, p. 581) distingue três origens para os desejos que contribuem, ou podem contribuir com a formação de um sonho: (a) desejo pré-consciente reconhecido durante o dia, mas que não pode ser satisfeito; (b) um desejo pré-consciente que foi forçado para o inconsciente e que também surge durante o dia, todavia, não foi aceito pela consciência, foi repudiado; (c) um desejo inconsciente, sem ligação com os restos diurnos, impossível de ir à consciência. Posteriormente um quarto tipo é mencionado, como aqueles desejos que surgem durante o sono ligado a sede ou necessidades sexuais.

Freud reforça que os primeiros dois desejos, para gerar sonhos em adultos, devem estar ligados a um desejo inconsciente. Nesse caso, haveria uma “transferência” de intensidade do inconsciente para o pré-consciente, o que o autor chega a chamar de “necessidade de transferência por parte das representações recalçadas” (Freud, 1900/1996, p. 592).

Entretanto, as “moções de desejos” restantes na vida consciente, como o desejo consciente por um objeto, por exemplo, têm importância “secundária” na formação dos sonhos, apesar de, ainda assim, problemas não resolvidos no dia anterior, preocupações, excesso de impressões, levarem a sua atividade de pensamento para o sono. Freud classifica esses pensamentos como

(1) o que não foi levado a uma conclusão durante o dia, devido a algum obstáculo fortuito; (2) o que não foi tratado devido à insuficiência de nossa capacidade intelectual, o não resolvido; (3) o que foi rejeitado ou suprimido durante o dia. A estes devemos acrescentar (4) um poderoso grupo que consiste naquilo que foi ativado em nosso *Ics.* pela atividade do pré-consciente no decorrer do dia e, por fim, (5) o grupo das impressões diurnas que foram indiferentes e que, por essa razão, não foram tratadas. (Freud, 1900/1996, p. 584).

Mas para que esses “pensamentos diurnos” surjam nos sonhos eles devem se ligar a “desejos infantis” inconscientes. (Freud, 1900/1996, p. 584). Todavia, essa é uma tese freudiana em que não iremos adentrar aqui. Resta-nos observar que o desejo é algo que se dá ligado, conectado a uma série de representações que fazem parte do circuito ou da rede que se

forma decorrente de uma vivência, seja essa vivência tida na vigília ou mesmo durante o sono, o sonho.<sup>21</sup>

### 1.2.1 Método de interpretação dos sonhos

O procedimento de interpretação dos sonhos é central para a psicanálise e busca evidenciar o material que está escondido, ou seja, não acessível à consciente no momento para um paciente. Inicia-se pela compreensão de que, segundo Freud, “‘interpretar’ um sonho implica atribuir a ele um ‘sentido’ – isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante” (1900/1996, p. 131).<sup>22</sup> Em outras traduções, lemos a palavra “significado” no lugar de sentido. Existe, assim, um significado ou um sentido oculto no sonho que a técnica psicanalítica visa compreender. Em última análise, a busca da interpretação é chegar ao desejo inconsciente, à fantasia, fazendo parte da dinâmica de funcionamento mental do paciente e contribuindo para o seu tratamento.

Notemos que, do ponto de vista terminológico, o termo “*interprétation*” [assim como o termo português interpretação] não se ajusta exatamente ao termo alemão *Deutung*. O termo francês [e o português] orienta sobre o espírito para o que já de subjetivo, e até mesmo de forçado, de arbitrário, no sentido que é atribuído a um acontecimento, a uma palavra. *Deutung* parece mais próximo de explicação, de esclarecimentos, e apresenta em menor grau, para a consciência linguística comum, o tom pejorativo que o termo francês [e o português] pode assumir. A *Deutung* de um sonho consiste, escreve Freud, em determinar a sua *Bedeutung*, a sua significação. (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 247).

A interpretação dos sonhos, como vimos, pode ser pensada como um processo que parte de um “sistema na o linguístico”, para outro linguístico (Casanave, 2008, p. 98), uma vez que no sonho pensa-se, sobretudo, com “imagens visuais” que, ao ganhar a narração do sonhador, adentram em outra forma de expressa. E isso não se dá sem perdas. Sabemos também o quanto trabalho com a linguística computacional por vezes se vale de sistemas

<sup>21</sup>Após esta explanação fica uma questão importante quanto aos sonhos que parecem o oposto de uma realização de desejo. Nesse caso, para Freud, os resultados podem ser: “(A) O trabalho do sonho pode ter êxito em substituir todas as representações aflitivas por seus contrários e em suprimir os afetivos desprazerosos ligados a elas. O resultado é um sonho puro de satisfação, uma “realização de desejo” palpável sobre a qual não parece haver mais nada a dizer. (B) As representações aflitivas, modificadas em maior ou menor grau, mas mesmo assim bem reconhecíveis, podem ganhar acesso ao conteúdo manifesto do sonho”. (Freud, 1900/1996, p. 586).

<sup>22</sup> Até o momento, compreendemos que o interesse de Freud, com a publicação da *Interpretação* foi como o autor bem diz, “elucidar sonhos como um passo preliminar no sentido de resolver os problemas mais difíceis da psicologia das neuroses” (Freud, 1900/1996, p. 139). Todavia, Freud parece extrapolar essa intenção em diversos momentos do trabalho, o qual acaba por se tornar uma investigação minuciosa sobre sonhos, método de interpretação e técnica psicanalítica.

probabilístico, pode conter certo grau de arbitrariedade, na escolha de um *corpus*, por exemplo, e é muitas vezes aproximativo. Dessa forma, o conteúdo do sonho se compõe de “situações [vivências, experiências], mas inclui também fragmentos desconexos de imagens visuais, ditos e até fragmentos de pensamentos inalterados”, e as conexões que levam ao conteúdo do sonho que conhecemos, narrado, para Freud, “os pensamentos oníricos a que chegamos por meio da análise revelam-se como um complexo psíquico da mais intrincada estrutura possível” e, dessa forma, “é somente o conteúdo substantivo dos pensamentos oníricos, por assim dizer, que o trabalho do sonho domina e manipula. A restauração das ligações destruídas pelo trabalho do sonho é uma tarefa a ser executada [por um método de inferência] pelo trabalho de análise”, ou de interpretação (Freud, 1901/1996, p. 678).

Não obstante, a plasticidade peculiar do material psíquico [nos sonhos] nunca deve ser esquecida. Muitas vezes, um símbolo tem de ser interpretado em seu sentido próprio, e não simbolicamente, ao passo que, em outras ocasiões, o sonhador pode tirar de suas lembranças particulares o poder de empregar como símbolos sexuais toda sorte de coisas que não são comumente empregadas como tal. Quando um sonhador dispõe de uma escolha entre diversos símbolos, ele se decide em favor do que está ligado, em seu tema, ao restante do material de seus pensamentos – em outras palavras, daquele que tem motivos individuais para sua aceitação, além dos motivos típicos. (Freud, 1900/1996, p. 384).

No caso da interpretação psicanalítica dos sonhos, o sonho é visto como um “rebus”, e Freud adverte que não devemos “julgar a pictografia como composição pictórica”, ou seja, trata-se neste caso de um “ideograma” que não irá designar diretamente o objeto que representa, ou seja, seria uma representação da realidade (Freud, 1900/1996, p. 304).

Não é nosso interesse aqui aprofundarmos nas diferenças das associações em vigília e inconsciente, todavia, existem diferenças importantes. Mas não basta manter a observação que no sonho há uma condição advinda do processo regressivo no sono, ou seja, “pois as imagens do sonho referem um desejo que é figurado por estas graças a representações intermediárias, as quais intervêm no trabalho de formação onírica através dos processos de figuração por imagens, condensação e deslocamento” (Casanove, 2008, p. 99).

Freud (1900/1996) informa que há dois métodos de interpretação dos sonhos, que tratam do relato do sonho como um todo, o “método simbólico”, e o outro que toma cada parte separadamente, como “uma decifração onde cada sinal pode ser traduzido por outro sinal que possua um significado conhecido, de conformidade com uma chave conhecida” (Freud, 1900/1996, p. 138). O autor observa que não devemos tomar somente um método simbólico, em que o “êxito deve ser uma questão de se esbarrar numa ideia inteligente, uma questão de intuição direta” própria ao método popular de interpretação.

O interesse de Freud (1900/1996) repousa mais sobre o método de “análise” por partes.

Nosso primeiro passo no emprego desse método [de interpretação] nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: “Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?”, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os “pensamentos de fundo” dessa parte específica do sonho. Assim, o método de interpretação dos sonhos que pratico já difere, nesse primeiro aspecto importante, do popular, histórico e legendário método de interpretação por meio do simbolismo, aproximando-se do segundo método, ou método de “decifração”. Como este, ele emprega a interpretação *em détail* e não *en masse*; como este, considera os sonhos, desde o início, como tendo um caráter múltiplo, como sendo conglomerados de formações psíquicas. (p. 138).

Dessa forma, a interpretação ocorre não por um modelo explicativo completo para todos os sonhos, mas para “parcelas isoladas de seu conteúdo, a partir de uma série de comparações” entre elas.

Na clínica, as formas de iniciar a interpretação de um sonho se multiplicam. O analista pode partir do início do relato, do final, por parte, tomando como um todo, pedindo ou não ao paciente que interprete o sonho, por exemplo.

Em suma, a interpretação visa chegar a associações que não estão evidentes na fala do paciente. E na forma de decifração dos sonhos coloca em prática um movimento de deslindar estruturas psicopatológicas, como fobias históricas, ideias obsessivas em sua decomposição, tese que se apresenta no *Estudo sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1895/1996), o que se apresenta com a concepção de que a “decomposição [da estrutura dos seus sintomas] coincide com sua solução”.

A primeira pesquisa em psicanálise que busca acessar associações inconsciente que inclui o tema das associações do paciente que temos notícia foi feita por Jung. O psiquiatra suíço fez experimentos com associações onde buscava verificar a proximidade.

Freud (1919/1996, p.38), quanto à pesquisa feita por Jung disse que “através delas, torna-se possível chegar a uma rápida confirmação experimental das observações psicanalíticas e a demonstrar diretamente a estudantes conexões a respeito das quais um analista poderia apenas falhar-lhes”. (p. 38).

Para o autor, em *A história do movimento psicanalítico*,

a reação a palavra indutora não pode ser um produto do caso, é antes forçosamente determinada, naquele que reage, por um conteúdo preexistente de representações.

Acostumamo-nos chamar de ‘complexo’ a um conteúdo de reapresentações capaz assim de influenciar à palavra indutora” (Freud, 1919/1996, p.39).

Segundo Freud, a “interpretação” visa desconstruir uma construção que não representa a “significação” do sonho, mas tão somente o movimento do sonhador de dar um enredo, uma construção mais acabada, diríamos, para sua experiência noturna, vindo a tratar, segundo Freud, do conteúdo do sonho como uma elaboração, e reconduzindo essa elaboração sempre para uma “representação de espera” (Freud, 1901/1996, p.630), evidenciando que há algo a mais quando o assunto são relatos de sonhos, não são simples associações, mas associações que podem informar mais sobre o funcionamento mental dos sonhadores.

Na clínica os relatos dos sonhos, chegam pelas pacientes histéricas quanto colocadas para falar livremente, em “associação livre”. Freud reforça que nesse caso há do lado do analista “um aumento da atenção que ele dispensa a suas próprias percepções psíquicas e a eliminação da crítica pela qual ele normalmente filtra os pensamentos que lhe ocorrem” (Freud, 1900/1996, p. 35-36).

Desse modo, adotando uma postura, não de reflexão crítica, mas de autorreflexão, o paciente constrói a possibilidade de surgimento de “representações involuntárias” levando à compreensão tanto dos sonhos (estruturas oníricas) quanto das ideias patológicas. No estado de comunicação livre, o paciente fala de si a partir de um “estado psíquico” em que a “distribuição da energia psíquica”, sua atenção pode localizar “reapresentações involuntárias”, tanto no relato de um sonho quanto de “ideias patológicas”, e as “representações ‘involuntárias’ são transformadas em ‘voluntárias’” (Freud, 1900/1996, p. 135-137).

Como um exemplo dessa busca de “eliminação da crítica” na “associação livre”, Freud (1900/1996) faz uma relação com a “criação poética” de Friedrich Schiller, dizendo que para ele,

a razão poria limites à imaginação, e contra isso deveríamos não fazer uma exame das ideias à medida que elas brotam, desta forma, “a razão não pode formar qualquer opinião sobre tudo isso, a menos que retenha o pensamento por tempo suficiente para examiná-lo em conjunto com os outros. (p. 137).

Esse movimento de buscar compreender que o que está “atrás” da consciência é o que dará consistência para o que podemos pensar de um “método freudiano”. Talvez esse seja o ponto fulcral para psicanálise e marca também o tipo de racionalidade implícita na metapsicologia.

A pesar de Freud buscar também a análise simbólica, ou seja, significados para os sonhos socialmente aceitos pela maioria das pessoas, o foco do autor é que são as associações do sonhador que levam à compreensão do sentido de um sonho. Os assuntos ou conteúdos que levam os sonhos têm a ver com a história clínica do paciente sonhador.

Por isso, “cada sonho exigiria [em uma análise ideal], uma longa introdução e uma investigação da natureza e dos determinantes etiológicos das psiconeuroses” dele, ou no lugar disso cada sonho deveria trazer junto de si a análise, ou o processo analítico do sonhador (Freud, 1900/1996, p. 139). Não há um código fixo da interpretação, e cada fragmento pode ter um sentido em vários contextos de pesquisa ou métodos.

Freud (1900/1996) afirma:

Meu método não é tão cômodo quanto o método popular de decifração que traduz qualquer parte isolada do conteúdo do sonho por meio de um código fixo. Pelo contrário, estou pronto a constatar que o mesmo fragmento de um conteúdo pode ocultar um sentido diferente quando ocorre em várias pessoas ou em vários contextos.(p. 139).

Todavia, trata-se de um método que, seguramente, aposta na existência de elementos que estão inacessíveis na consciência, em sua maioria, e, segundo Freud (1900/1996), o

procedimento consiste em abandonar todas as representações-meta que normalmente dirigem nossas reflexões, focalizar nossa atenção num único elemento do sonho e, então, tomar nota de todos os pensamentos involuntários que possam ocorrer-nos a propósito dele. Tomamos então a parte seguinte do sonho e repetimos o processo com ela. Deixamo-nos impelir por nossos pensamentos, qualquer que seja a direção em que nos conduzam, e assim vagamos a esmo de uma coisa para outra. Mas nutrimos a firme crença de que, no final, sem qualquer intervenção ativa de nossa parte, chegaremos aos pensamentos oníricos de que se originou o sonho. (p. 558).

Ou seja, chegando a elementos do pensamento onírico, tomando o conteúdo manifesto do sonho para chegar a cadeias associativas inserindo essas cadeias nas experiências psíquicas do sonhador.<sup>23</sup>

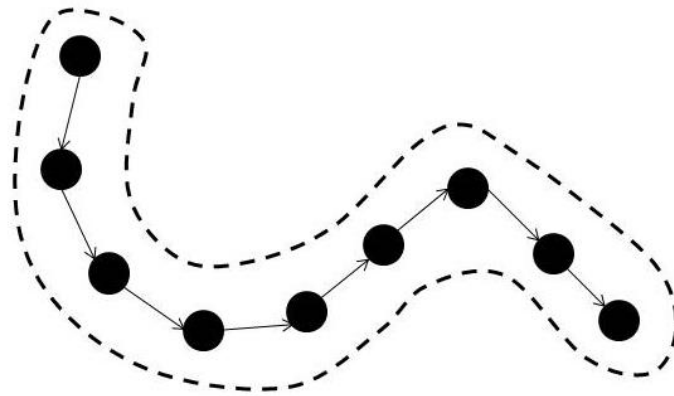
### 1.3 Sonho de Irma em 1895 e 1900: método de interpretação

---

<sup>23</sup> Há aqui um “problema” importante quanto se pensa na aproximação da psicanálise com as neurociências: o inconsciente como hipótese explicativa de uma série de fenômenos e de difícil apreensão pelos métodos cognitivos de algumas investigações neurocientíficas, havendo aqui uma das contribuições possíveis da psicanálise a esse campo. Esse tema é trabalhado por Bocchi (2010) em *A psicanálise freudiana e o atual contexto da biologia da mente: uma discussão a partir das discussões sobre o ego*.

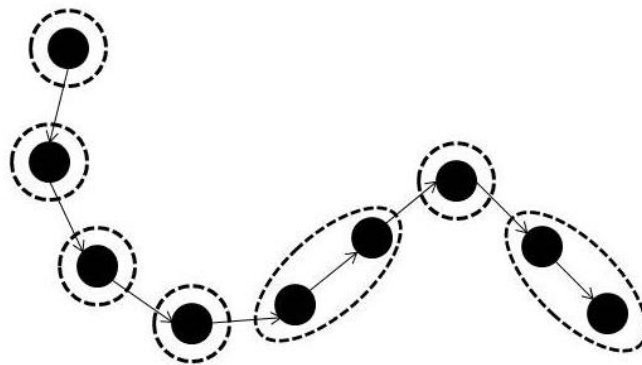
O sonho de Irma traz à tona uma leitura que Freud faz de uma palavra nos sonhos – a trimetilamina. Lembramos que as duas principais formas de interpretar um sonho, como vimos, é *en masse* (Figura 11) ou *en détail* (Figura 12), que podemos representar por grafos.

**Figura 11 – Interpretação *en masse***



Fonte: Elaboração do autor.

**Figura 12 – Interpretação *en détail***



Fonte: Elaboração do autor.

Segundo Freud, cada uma das palavras que compõem o relato de um sonho, o que se apresenta também na fala, faz parte de um “conglomerado de formações psíquicas” (Freud, 1900/1996, p. 138). E para compreender como se dá essa organização, utiliza da interpretação. O sonho tem diversas fontes para Freud, mas a dimensão que ele mantém interesse é a psíquica, ou seja, “associativa”, que parte dos relatos do sonho e suas associações.

No nosso caso, interessa localizar uma palavra específica, entendendo que seria um detalhe mais importante de todo o sonho relatado, a “trimetilamina”, ou seja, não se trata de

qualquer elemento<sup>24</sup>. Freud informa que seria possível identificar no relato de um sonho os elementos com os quais o sujeito de algum modo se relaciona mais profundamente e o leva a se embaraçar, recuar, recusar, negar ou mesmo buscar explicar excessivamente. Esse elemento, ou seja, é a representação ou a palavra que seria, em geral, tida como a palavra que estaria mais conectada a outra rede de palavras não apresentadas no momento de narração do conteúdo dos sonhos, ou mesmo da fala (como no caso do esquecimento). A palavra “trimetilamina” seria expressiva, tendo como referência dois textos de Freud e pode ser vista como uma palavra de grande importância para o relato dos sonhos de Irma em dois momentos.<sup>25</sup> A seguir apresentamos todo o relato do sonho de Irma.

Um grande salão – numerosos convidados a quem estávamos recebendo. – Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua”. Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... – isto está me sufocando”. – Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. – Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda”. Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido.)... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada”.... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... **trimetilamina** (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa (Freud, 1900/1996, p. 141-142).

#### 1.4 Sonho de Irma: hipóteses para “trimetilamina” no sonho

<sup>24</sup> Observa-se que, ao colocar o relato do sonho de Irma no SG, a palavra mais conectada não é “trimetilamina”, mas “amigo”. Entretanto, trabalhamos aqui mais com as informações que Freud trás quanto à justificativa para o surgimento da “trimetilamina” que é dela ser apoiada por outras representações e é essa dimensão “racional” que fica expressa pelo autorquefaz referência à análise de centralidade de nó.

<sup>25</sup> Sabe-se que Freud apresenta em *A interpretação dos sonhos* uma explicação sobre o que seria o “umbigo” de um sonho, como uma palavra muito conectada, ligada a várias representações, como um ponto em que não conseguiríamos avançar em termos elaborativos. Seria uma espécie de “desconhecido” por não haver uma explicação. Não iremos entrar nessa discussão, mas o umbigo dos sonhos, segundo a explicação de Freud, seria uma *hubs*.

### 1.4.1 Projeto de uma psicologia: entroncamento de ideias

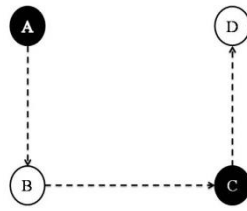
No *Projeto*, Freud informa na seção *Análise dos sonhos*, que “todas as transcrições frente à vigília e de mistura com processos de memória normais; ainda assim, é fácil discernir o propriamente onírico” (Freud, 1895/1950). Mas o que marca um detalhe importante para nós está na expressão “a consciência onírica”. Freud (1895/2012, p. 216) inicia dizendo: “A consciência da ideia onírica é antes de tudo descontínua, não é um curso completo de associações que se torna consciente, mas só algumas estações”. Ou seja, algumas redes de associações se mantêm inconscientes.

Nesse sentido, como em diversos outros momentos, Freud usa em suas estratégias argumentativas uma analogia, como bem observa Gabbi Jr. (2010), para informar como se dá o curso das associações a partir de um circuito ferroviário, para dizer de um circuito neurônico (Freud, 1895/1900). Para o autor, se todo o curso de palavras fosse conhecido pela consciência, não haveria lacunas na narração dos sonhos. Mas há sempre as articulações intermediárias inconscientes, ou seja, para Freud “Entre elas [as associações acessíveis na consciência], há articulações intermediárias inconscientes descobertas facilmente na vigília” (Freud, 1895/1996, p. 216).<sup>26</sup> Segundo Gabbi Jr., neste momento essas “estações” são acessíveis para Freud porque sua ausência não se apresenta ligada a uma “defesa”. Diríamos que ela não é consequência de uma vivência traumática, talvez, é uma memória pré-consciente acessível. Freud continua: “Caso se investigue as razões deste salto [entre representações que dizem de ‘articulações intermediárias’], revela-se o seguinte:” – apresentamos aqui o exemplo em que Freud se vale de um sonho que ficaria conhecido como “sonho da injeção de Irma” só em 1900. Nas palavras de Freud, “seja A uma ideia onírica que se tornou consciente; ela conduz para B; mas no lugar de B encontra-se C na consciência, e na verdade porque [ela] está no caminho entre B e uma ocupação D simultaneamente presente” (Freud, 1895/2010, p. 216). Vejamos na Figura 13 a seguir a reprodução do grafo feito por Freud.

---

<sup>26</sup> Não compartilhamos com Freud em relação a ser possível chegarmos a todas as associações do paciente, como ele parece propor em alguns momentos. Nesse sentido, somos simpáticos à tese que diz que interessam mais os efeitos dessa falta, e como o sujeito se articula em torno dela, em uma dimensão mais clínica. Todavia, estamos ainda certos de que, se essa limitação coloca um limite na pesquisa que buscamos apresentar, é um limite já aceito desde o início, não só por psicanalistas. Mas uma mudança na obra de Freud, quanto à interpretação pode ser lida em *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920).

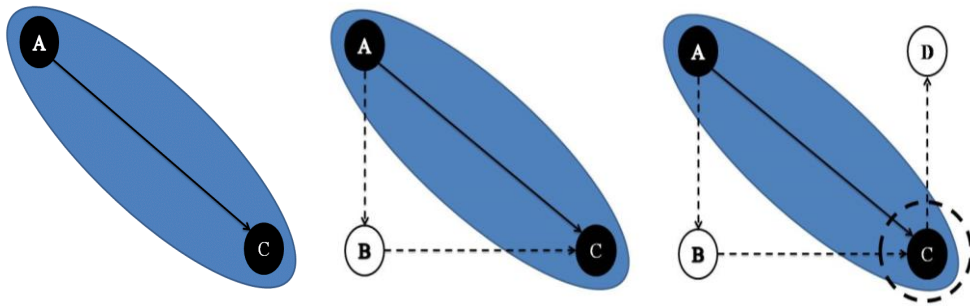
**Figura 13 – Grafo feito por Freud no *Projeto***



Fonte: Freud (1895/2010, p. 216). Adaptação do autor

Os pontos pretos são conscientes e representam palavras, todavia os pequenos círculos não seriam conscientes, e a sequência seria A-C, e não A-B-C-D. Há uma lacuna na lembrança. Entre as palavras conscientes há duas outras que, para Freud, se apresentariam simultaneamente e que não são conscientes, uma expressa pela letra B e outra pela letra D, como vemos nas figuras abaixo. Na Figura 14 vemos primeiro as palavras ou letras conscientes (A e C); na segunda imagem uma letra inconsciente (B), e na terceira, ou letra, (D). “C” surge mais conectada e, por isso, mais marcante.

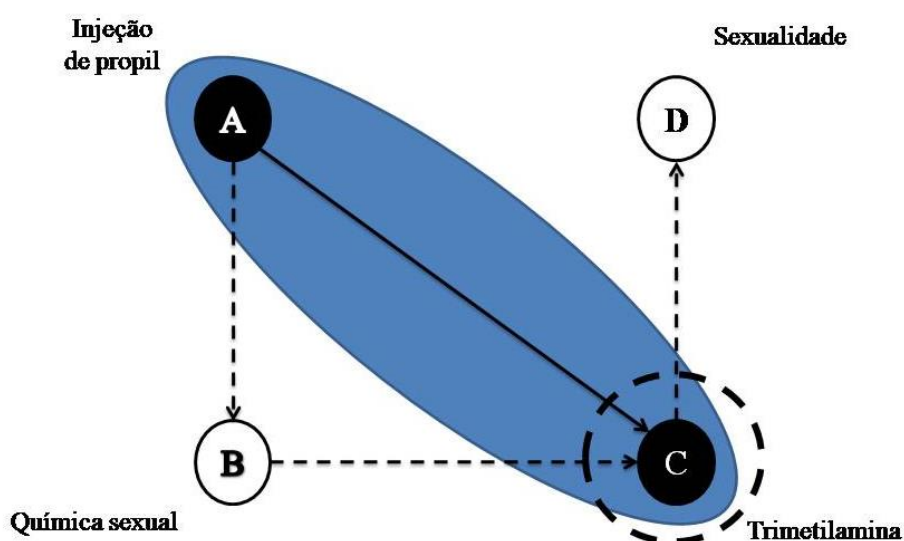
**Figura 14 – Grafos de representações conscientes e não conscientes**



Fonte: Elaboração do autor.

Em um segundo exemplo, agora sem representação gráfica, Freud esboça o seguinte (o autor não apresenta uma representação gráfica, mas buscamos construir uma para visualizarmos melhor suas palavras):

Figura 15 – Grafo de palavras de um relato de sonho



Fonte: Elaboração do autor.

Nesse exemplo, Freud escreve um trecho de um sonho: “R deu uma injeção de propila em A., então vejo diante de mim trimetilamina, com muita vivacidade, aluc[inada] como fórmula” (Freud, 1895/2010, p. 216). Continua a descrição dizendo que existem pensamentos simultâneos, como D, natureza sexual da doença de A; e uma associação com a química sexual B; ambos os temas sugerem uma conversa que o ator disse ter tido com seu amigo Fliess, em que falam sobre a “trimetilamina”.

Segundo Freud, “é igualmente muito enigmático que nem a articulação intermediária (química sexual) [B], nem a ideia desviada (natureza sexual da doença) [D], tornem-se conscientes, e é necessária uma explicação para tal” (Freud, 1895/2010, p. 216) – explicação que visamos aqui formalizar. Para o autor, a ocupação conjunta de C faz essa aparição da trimetilamina no sonho de forma vivaz, e as “articulações intermediárias” que levariam a alucinação da fórmula devem ser “inferidas” para Freud.

Nesse momento é expressivo o interesse de Freud pela consciência do sonho e pelas associações apresentadas nos sonhos. E ele salienta que não é uma condição unicamente quantitativa que faz algo inconsciente tornar-se consciente, mas a noção de palavra. Para Gabbi Jr, seria a noção de palavra e consciência verbal, temas fundamentais nessa discussão. Todavia, se a consciência pode levar ao fornecimento as “sensações” levadas a cabo em vivência no próprio sonho, levaria as determinações dessas associações, e esses processos

psíquicos, tal como processos fisiológicos, como a respiração seriam inconsciente, como salienta Gabbi Jr. (2010, p. 96), e de difícil apreensão pelo indivíduo consciente.

No entanto, é importante salientar que, para Freud, no sonho há uma “compulsão a associar”, fenômeno ligado à “lei da simultaneidade”, a qual basicamente se orienta pelo “processo primário”, em que a associação não obedece ao sentido etende ao insensato, diferentemente da “lei de sucessão”, que está ligada ao “processo secundário”. Há como compreendermos uma aproximação das associações. Todavia, o que se deve evidenciar aqui, não é propriamente a teoria da construção de sentido no *Projeto* e sim o quanto a ligação entre palavras na narração do sonho é condicionada por um modo de ligação diferente daquele de vigília, que em certas “estações” não se apresenta, e que a condição do sono propicia chegarem à consciência várias cadeias de associação pelo sonho. Além disso, vale observar com Gabbi Jr. que esse processo não é restrito à vigília. O processo primário prevalece na vida consciente, ambas estão sempre presentes, e o chiste pode ser um momento em que a “compulsão a associar” retorna (Freud, 1895/1910, p. 91-92).

Devemos reter que a “trimetilamina” é vivenciada de forma vivaz, alucinada no sonho por estar associada a várias outras associações como B e D. Com *A interpretação dos sonhos* veremos que essas associações têm importância fundamental para o próprio sonho, e de algum modo não surgem facilmente na narração dos sonhos; elas devem ser “inferidas” por se apresentarem ligadas a ideias inconcebíveis para a consciência do sonhador, ou seja, a palavras surge com a intenção de fazer com que outras elaborações não se apresentem. Daremos mais explicações sobre isso.

#### **1.4.2 A interpretação dos sonhos: convergência de ideia e contexto do sonho**

O sonho apresentado no *Projeto* é conhecido na *Interpretação* como “Sonho da injeção de Irma” e compõe o segundo capítulo do livro como um “sonho” modelo do método de interpretação proposto por Freud. Ao analisar o sonho, *em détail*, Freud depura cada firmiação ou palavra ligada a apresentação manifesta do sonho. Vamos nos ater agora a “trimetilamina”. Freud diz que nos sonhos ele viu diante de si a fórmula “trimetilamina” “impressa em grossos caracteres”, ou seja, o autor dá mais explicações para a apresentação desse léxico. Essa explicação no texto do sonho está entre parênteses, o que sugere que não faz parte do sonho em si, mas tão somente da busca de explicar o sonho na hora em que ele é narrado. Na vivência do sonho, Freud informa que a fórmula é “alucinada”, surge no sonho na sua frente “em negrito”, de “modo enigmático”, como diz no *Projeto*. Nas palavras de Freud

(1900/1996, p. 150, “a fórmula está impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase [destacada] a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial”.

Para informar sobre esse “contexto”, Freud cita Fliess e uma conversa com ele, que lhe teria confiado uma ideia sobre a química dos processos sexuais em que a trimetilamina estaria mencionada como algo que levava à sexualidade, o que Freud dava maior importância como origem dos distúrbios nervosos. Freud salienta que Fliess seria alguém que em geral concorda com suas ideias e que o retirava do isolamento de suas opiniões.

Nesse sentido, podemos marcar que Freud compreende que há uma “convergência” de associações, como proposto no *Projeto* e que ela leva a salientar “alguma parte do contexto” de elaboração, que a ver com a relação de Freud com Fliess. E a aparição tão “enigmática” da fórmula faz crer, para Freud, que se trata de um “desejo [diríamos, inconsciente] de dar ênfase a esse contexto”.

Mas a fórmula surge nos sonhos totalmente apartada no sonho manifesto de suas condicionantes, com força, em negrito. E quanto a isso algumas hipóteses se apresentam: a trimetilamina esconde algo de mais fundamental, pode estar coberta de deslocamentos e condensações, e esses mecanismos de defesa, os quais ainda não existiam da mesma forma no *Projeto* de Freud, seriam responsáveis por escamotear as associações principais que nos levariam a compreender a aparição da trimetilamina. É como se houvesse uma quebra na sequência das ideias – A, B, D, E

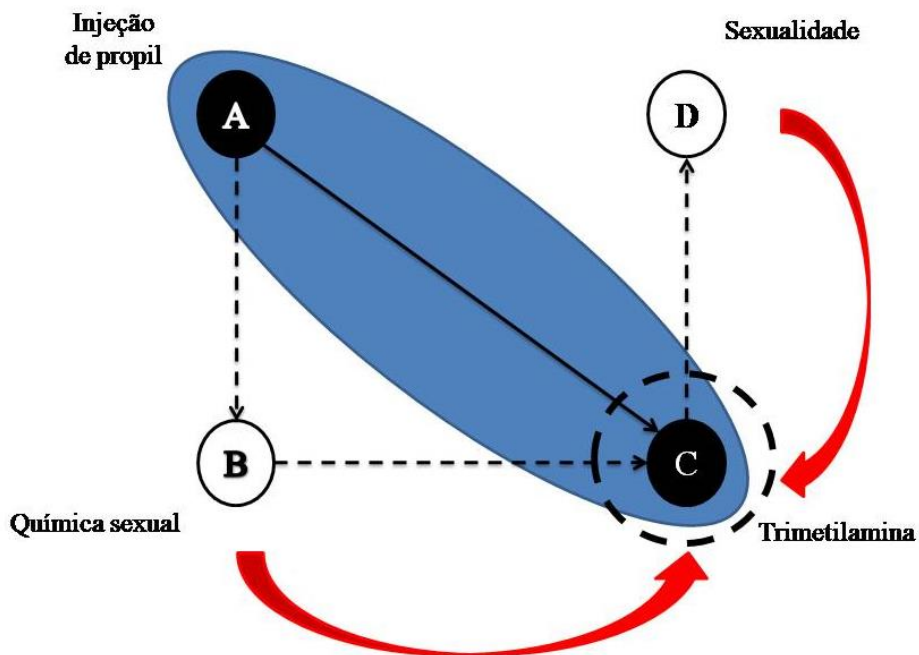
Se falássemos agora da análise de rede o *software* informa é que essa palavra poderia ser conectada a outras no discurso, o que dá uma importância maior a ela. Por meio da análise de rede, sabemos que essa é uma centralidade, que há uma importância maior dessa palavra sobre outras, e que será concentradora, que diversas outras palavras tenderam a estar mais associadas a ela, pela “lei da potência”. De posse dessas informações e através do método de análise psicanalítico, podemos inferir que a palavra mais conectada, com mais evidência no discurso é uma palavra que guarda muitas outras conexões que não estão presentes no discurso.

Nesse sentido, para a psicanálise essa ausência, assim como no chiste, tem uma motivação que passa por conflitos psíquicos ligados à incompatibilidade da ideia com as associações diurnas, a censura, o que dota uma associação de mais peso que outras, ou seja, investe mais ou menos de afeto uma representação, e informar que há representações, palavras, como trimetilamina, que estão ligadas a associações que não são nem um pouco banais, mas têm especial importância na interpretação do sonho.

A forma “destacada” (Freud, 1900/1996, p. 151) da apresentação da “trimetilamina” pode ser vista como um processo de deslocamento de investimento para Freud, ou seja, retira-se o investimento em outras representações, para dar a outras palavras vizinhas. Para Freud (1900/1996), a aparição da palavra no sonho informa sobre as suas “determinações múltiplas”(p. 333), o que parte de um processo de “transferência e deslocamento de intensidade”(p. 333), de um elementos no sonho, no caso, ligado à química sexual e à sexualidade na formação do sintoma, dando outro valor psíquico para a apresentação da “trimetilamina”, algo ligado à “defesa endopsíquica”, ou seja, ao inconsciente e à difícil relação do sujeito com essas representações, as quais permanecem sem explicação fora da análise.

Quanto ao processo de “transferência”, trata-se de transferência de “afeto” entre representações que, de algum modo, estão interligadas, como mostra o grafo abaixo.

**Figura 16 – Grafo de palavras de um relato de sonho informando transferência de afeto**



Fonte: Elaboração do autor.

Vale observar que, ao falar de “condensação”, Freud (1900/1996) cita outra palavra que seria uma “representação intermediária comum” como “trimetilamina”, referindo-se à palavra “botânica” no “sonho da monografia de botânica”, o que diz da importância dessa palavra para outras representações, “por [haver] abundantes conexões associativas” (p. 308), referindo a palavra como um “ponto nodal sistemático” (p. 309) em que “convergem

numerosas cadeias de ideias” – podemos dizer que estas “conexões” evidenciam diversas vivências diferentes e que são esta vivência que por vezes são descobertas pelo método de tratamento.

Nesse sentido, quanto à formação do sonho, Freud (1900/1996) reforça o tema dos “pontos nodais” para dizer o conteúdo do sonho, são os elementos mais importantes do conteúdo inconsciente que surgem, ele e ocupa ou se faz a partir de elementos fundamentais em vigília, e os pensamentos passam por um percurso em que

[...] o sonho não é estruturado por cada pensamento ou de pensamentos do sonho isoladamente, encontrando (de forma abreviada) representação separada do conteúdo do sonhos – do modo como um eleitorado escolhe seus representantes parlamentares; o sonho é, antes, construído por toda a massa de pensamento do sonho, submetida a uma espécie de processo manipulativo em que os elementos que tem suporte mais numerosos e mais fortes adquirem o direito de acesso ao conteúdo do sonhos – de maneira análoga à eleição por *scrutin de liste*. (Freud, 1900/1996, p. 310).<sup>27</sup>

Se, no *Projeto*, anuncia-se a “lei da simultaneidade” informando que há pelo menos duas associações, no caso da trimetilamina, com a *Interpretação*, essa representação e suas associações relatadas ganham o estatuto de ser partes fundamentais do contexto em que devemos tomar como referência na interpretação dos sonhos.

### 1.5 “Trimetilamina”: trabalho dos sonhos, sobredeterminação e condensação

Após o relato do sonho de Irma, Freud (1900/1996) retoma o mesmo sonho para falar sobre “sobredeterminação”, enfatizando, entre outros elementos, o trecho em que faz referência à fórmula química “trimetilamina”. Antes, porém, de tratar desses elementos, fazemos uma digressão pelo percurso na obra freudiana da concepção de sobredeterminação ligada a condensação.

Freud (1891/2003, p. 102) traz vários desenvolvimentos sobre a constituição da linguagem, informando sobre dois elementos que são parte dela, as representações de coisa,<sup>28</sup> e sobressaem elementos visuais, acústicos e sinestésicos, os quais conquistam seu significado ligando-se à representação de palavra. Freud (1891/2003) toma a palavra como uma unidade complexa mínima da linguagem, que se dá no complexo de vários elementos. É sempre uma “representação complexa” e um “intrincado processo associativo”, que incluem

<sup>27</sup>A ideia defendida por Freud com esse exemplo é que em eleição, pessoas que têm muitos votos tendem sempre a ter mais votos. Isso se aproxima muito da “lei do poder”, onde *hubs* tendem a ter cada vez mais conexões.

<sup>28</sup>Há uma observação importante quanto à diferença entre representação de objeto e representação de coisa.

para Freud a imagem acústica e imagem visual da letra e imagem motora da fala, e imagem motora da escrita.

Bezerra (2013) explica que

a aprendizagem da linguagem se faz pela associação entre uma imagem acústica (a palavra ouvida de outrem) e uma imagem cenestésica (resultante da fama do próprio sujeito). Ao pronunciar a palavra, surge uma outra imagem acústica, referida ao som pronunciado, que se liga às associações iniciais. O domínio progressivo das palavras decorre dos processos em que essas imagens vão se aproximando. Com o aprendizado da leitura e da escrita, a imagem da escrita e a imagem motora da escrita vão se acrescentando ao complexo associativo. Na verdade, cada elemento que se agrega ao complexo associativo interfere em sua composição, de modo que uma palavra nunca é uma unidade fixa, estável. É antes uma unidade em processo, em constante reorganização funcional das associações que a constituem – processo que Freud chamou de “sobreassociação”. (Bezerra, 2013, p. 153).

Para Freud (1891/2016), o significado de uma palavra se dá pela associação entre a “representação de palavra” e “representação de objeto”, em que entre a imagem acústica da representação de palavra e a imagem acústica da representação de coisa. Vale observar que a representação de objeto não é uma imagem especular, é um complexo, a representação de alguns elementos do objeto. É nesse sentido que Freud (1891/2003, p. 80) aproxima a ideia de “associação” da ideia de “sensação”, um dos elementos que compõem a linguagem como parte deste processo. Entendemos assim que não existe palavra sem corpo.

Mas o que gostaríamos de destacar sobre o processo de constituição da linguagem é que, para Freud (1891/2003), a “representação de coisa” é aquilo que constitui a formação dos sonhos, ou seja, os sonhos estão mais próximos de imagens que de palavras. Isso significa que, ao acordar, o indivíduo que teve o sonho irá narrá-lo em palavras, trata-se de uma organização do conteúdo. É com as associações dessas palavras que vamos trabalhar. O mesmo trabalho poderia ser feito com o texto das associações de um paciente em atendimento, todavia, dezenas de outras ponderações deveriam ser feitas, até mesmo de cunho ético em uma pesquisa.

A escolha pelo trabalho com os sonhos se fundamenta no fato de que para Freud o sonho é uma formação do inconsciente, ou seja, uma formação que nos leva, ou nos traz para perto de elementos que são mais preciosos para o trabalho analítico. Freud (1900/1996) diz que “o sonho é a via régia para chegar ao inconsciente”, mas poderíamos resumir que, entre os diversos processos mentais, esse talvez seja o único acesso a todas as informações

advindas da história de vida desse sujeito,<sup>29</sup> e as ideias podem passar mais livremente, como se fossem uma associação realmente livre, ou mais próximas disso. O sonho, entre outros processos mentais, abrange todo o arsenal de ideias estocadas em nossa mente, está mais apto do que a razão consciente para associar as informações. No entanto, o tratamento que damos ao sonho aqui passa unicamente pela linguagem.

Voltando ao tema do funcionamento da fala e da linguagem, Freud (1891/2016) observa que há uma característica importante quanto à fala: “a certeza de nosso falar parece então sobredeterminada, e pode tolerar bem a falta de um ou outro fator determinante” (p. 98), e a dimensão “sobredeterminada”, como já informamos, tem consequências em diversos outros trabalhos até o final da obra de Freud, como na compreensão do sintoma histérico (Freud, 1895/1996, p. 299) – o que faz deles fenômenos de fala –, e o conteúdo dos sonhos.

Neste último caso, por elementos que compõem o sonho estão representados diversas vezes no pensamento do sonho (1900/1996, p. 310), ele é sobredeterminado. Ou seja, as características associativas de uma ideia são mais ou menos ligadas a diversos elementos, outras ideias. Essa seria uma condição que explicaria como funcionam as “associações” mentais de ideias, as elaborações dos indivíduos, o que ofertaria uma condição “dinâmica”, ou seja, uma “dinâmica da ideia”, como o autor nomeia no *Estudos sobre a histeria* (1895/1996).

A sobredeterminação é o resultado de diversas causas para as associações, formações do inconsciente, ou seja, diz do modo de funcionamento do inconsciente; para Freud “não existe coisa tal como determinação arbitrária na mente” (1900/1996, p. 720), assim como “não há sensação alguma sem associá-la imediatamente” (1895/2012, p. 80), ou seja, Freud sustenta uma posição determinista da mente, e além disso, onde as causas são múltiplas (Costa & Gomes, 2017).

Nesse sentido, o tratamento para a ideia de causa/efeito em Freud é muito específico, portanto não é uma concepção causal única para nenhum fator, ou seja, para nenhuma palavra no discurso. Um exemplo do quanto a ideia de sobredeterminação está ligada à de uma superassociação está em *Estudos sobre a histeria*, onde Freud (1893-1895/1996) observa que a cadeia de associações que se ligam a um “núcleo patogênico” é igual a um “sistema de linhas ramificadas e sobretudo convergentes”. (p. 250).

Nos sonhos a sobredeterminação também aparece com a observação de que “cada um dos elementos do conteúdo do sonho revelou ter sido “sobredeterminado” – ter sido

---

<sup>29</sup> Sabemos que para psicanálise é fundamental pensar a dinâmica de funcionamento do aparelho psíquico, o que também inclui um ponto de vista econômico e outro tóxico. Todavia, não nos interessa precisar esses elementos, embora sejam modelos fundamentais.

representado muitas vezes nos pensamentos do sonho” (Freud, 1900/1996, p. 309), assim formam os sonhos. Isso impacta na interpretação dos sonhos, como um efeito da condensação de associações por excelência.

Nesse sentido, Freud (1900/1996) diz que “ela torna a reunir em um sonho manifesto duas séries de ideias latentes inteiramente diferentes, de forma que podemos obter uma interpretação aparentemente satisfatória de um sonho, sem nos apercebermos da possibilidade de uma interpretação em segundo grau” (p.120), onde entra um novo conceito: a condição “sobreinterpretativa” do sonho.

Embora haja sobre-determinação, isso não quer dizer que haja interpretações indefinidas dos sonhos. Como observam Laplanche e Pontalis (2001), “o contexto, a entonação ou ainda sinais acessórios que dissipam a ambiguidade [devem ser avaliados]. “No sonho, a indeterminação é mais fundamental, mas as diferentes interpretações permanecem suscetíveis de verificação científica” (p. 488). Várias dessas nuances desaparecem em um tratamento linguístico como o nosso.

Todavia o ponto principal aqui é que as várias cadeias de associação que se apresentam se amarram e fazem com que esse ponto de contato seja considerado um “ponto nodal” para Freud e se traduz em um compromisso, que, como veremos, pode estar relacionado com os elementos que compõem o sonho – os desejos inconscientes e as exigências morais que o sujeito vive no seu dia a dia.

Vemos isso com a compreensão do sintoma histérico:

O sintoma não é simplesmente a expressão de um desejo inconsciente realizado; é preciso que esteja presente também um desejo do pré-consciente realizado pelo mesmo sintoma, de modo que o sintoma tem pelo menos dois determinantes, cada qual surgindo de um dos sistemas envolvidos no conflito. Tal como acontece nos sonhos, não há limite para os outros determinantes que possam estar presentes – para a “sobre-determinação” dos sintomas. O determinante que não brota do Ics., ao que eu saiba, é invariavelmente uma cadeia de pensamentos que reage ao desejo inconsciente - uma autopunição, por exemplo. Assim, posso fazer a afirmação bastante genérica de que o sistema histérico só se desenvolve quando as realizações de dois desejos opostos, cada qual proveniente de um sistema psíquico diferente, conseguem convergir numa única expressão. (Freud, 1900/1996, p. 598).

Quanto ao valor dessa característica sobre-determinante, Laplanche e Pontalis (2001) afirmam:

A sobre-determinação é uma característica positiva, e não a simples ausência de uma significação única e exaustiva. J. Lacan insistiu no fato de que a sobre-determinação é uma característica geral das formações do inconsciente: ‘Para admitir um sintoma Na psicopatologia psicanalítica, seja ele neurótico ou não, Freud exige o mínimo de

sobredeterminação que um duplo sentido constitui, símbolo de um conflito de fundo para além da sua função em um conflito presente não menos simbólico [...]’ A razão está em que o sintoma (em sentido amplo) é ‘estruturado como uma linguagem’, e portanto constitui, por natureza, de deslizos e de sobreposições de sentidos; nunca é sinal unívoco de um conteúdo inconsciente único, assim como a palavra não se podem reduzir a um sinal.(p. 489).

Se há uma ligação de várias associações em uma palavra, e isso também se dá quanto ao sintoma histérico, essa é uma via para chegar à etiologia da histeria e sua causação múltipla. Dessa forma,

todas as representações originadas por um determinado sujeito – seja uma palavra, um gesto, um devaneio ocasional, uma imagem onírica, um sintoma neurótico, um lapso das suas intenções, ou qualquer outro símbolo por ele elaborado – estão conectadas, p.or associação, a alguma outra representação da sua vida mental inconsciente. O trabalho psicanalítico consiste em seguir a trilha encadeada de ideias, para que estas, ao se desvelarem, apresentem ao sujeito algum material significativo daquilo que por ele é representado, mas cujo sentido lhe escapava até então. (Souza, 2011, p. 14).

Nesse sentido, em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos (comunicações preliminares)*, Freud (1893/1996) compreende que o trauma psíquico ligado à histeria se dá quando há a impressão de que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir pelo pensar associativo, pela mobilização das conexões em vigília, ou pela reação motora, as ideias que se mantêm de forma latente, isto é, inconsciente. Os fenômenos histéricos teriam uma causa ligada a algo que não estaria acessível pela consciência, uma não disponibilidade nela, tendo, assim, que ganhar expressão verbal o complexo psíquico que estaria “esquecido”, pela verbalização e não pela rememoração necessariamente. Ou seja, a rede de ideias – aplainadas – no discurso se esconde em uma teia imensa, cadeias inconscientes.

Ainda sobre a histeria, se Charcot pensava a histeria ligada a uma “vivência traumática” (Freud, 1893/1996), em *Estudos sobre a histeria*, Freud e Breuer parecem buscar uma etiologia para a histeria que não estivesse totalmente ligada a um acidente traumático, e só aí os autores parecem acender para múltiplas condições que levariam à histeria, o que faz referência a uma sobredeterminação do sintoma histérico, trabalhando com uma causação múltipla (Freud, 1895/1996), o que traria mais esclarecimentos para o trabalho psicanalítico dos desejos do sujeito, o que o retira a linearidade entre vivência e sintoma.

Quanto a memória desta rede de representações Freud cita três tipos de lembranças, que compreendemos serem três tipos de redes: (a) lembranças conscientes, linear, cronológica; (b) lembranças passível de recordação, como um agrupamento de lembranças dispostas de forma linear, e com os mesmos temas; (c) lembranças recalçadas – neste caso

não há uma linha contínua, há um “sistema de linhas em ramificação” que estão unidas por “pontos nodais”, havendo assim a união de “dois ou mais fios [que] se juntam e a partir daí continuam como um só”. A primeira hipótese é tida como linear, “infalivelmente fidedigna”; a segunda aponta um processo de aproximação entre palavras de alguma aproximação em sequência linear; e a terceira é tida como um caminho “irregular e sinuoso”.

O modelo que Freud apresenta para construir como se dão as associações e correlativamente a experiência psíquica organizado por fios que se conectam e forma uma rede como um modelo que associamos com um modelo têxtil, como aponta Kaszubowski (2016, p. 27-28). O autor também aproxima a importância desse modelo com a modelo geológico (Breuer e Freud, 1895/1996) e arqueológico (Freud, 1937/1996) do aparelho psíquico.

Todavia, neste trabalho buscamos vislumbrar outro modelo presente em Freud, mesmo que como uma hipótese de trabalho buscou-se trabalhar com uma concepção de rede, como temos dito em outros momentos que compreendemos se aproximar também do modelo linguístico que acreditamos estar presente no texto das *Afásias* – como expresso em seu grafo de palavra e na *Interpretação*–, além da *Carta 52*, este menos visual ou espacializado que os modelos anteriores.

Mas o que queremos extrair dos desenvolvimentos de Freud é, sobretudo, a ideia de “pontos nodais” que, no caso dos sonhos, trazem luz para compreensão de que o pensamento onírico se reorganiza continuamente e os pontos de contato são pontos de maior apoio que fazem com que esses elementos se apresentem no conteúdo onírico, o que compreendemos ser, com a teoria de rede, um nó *hub*.



Se falamos até aqui de sobredeterminação, observamos agora o efeito dessa característica na formação onírica com o trabalho do sonho. As mudanças que se dão nas associações na passagem do processo primário para o secundário levam a: “(1) As intensidades das representações individuais tornam-se passíveis de descarga *em bloc* e passam de uma representação para outra, de modo que se formam certas representações dotadas de grande intensidade”, assim, “a intensidade de toda uma cadeia de pensamentos pode acabar por concentrar-se num único elemento de representação”, surgindo desta forma uma “compressão” ou “condensação”, com o trabalho do sonho.

E continua Freud,

Também na vida anímica normal encontramos representações que, como pontos nodais ou resultados finais de cadeias inteiras de pensamento, possuem um alto grau de significação psíquica; mas essa significação não se expressa em nenhum aspecto sensorialmente óbvio para a percepção interna; sua representação perceptiva não é mais intensa, em nenhum aspecto, por causa de sua significação psíquica. No processo de condensação, por outro lado, toda interligação psíquica se transforma numa intensificação de seu conteúdo de representações. É o mesmo que acontece quando, ao preparar um livro para publicação, faço com que alguma palavra de importância especial para a compreensão do texto seja impressa em tipo spacejado ou em negrito, ou quando, ao falar, pronuncio essa mesma palavra em voz mais alta, lentamente e com ênfase especial. A primeira dessas duas analogias nos faz lembrar de imediato um exemplo fornecido pelo próprio trabalho do sonho: a palavra “trimetilamina” no sonho da injeção de Irma. (Freud, 1900/1996, p. 621-622).

Dessa maneira, a condensação desponta como fundamental para compreender um funcionamento geral do psiquismo, seu caráter sobredeterminado. Enquanto uma formação animada por diversas linhas, como um nó conectado temos a formação do termo “botânica” no sonho, ou seja, um nome atrelado a diversos pensamentos oníricos. Além de um nome, a sobredeterminação pode se dar a partir da formação de pessoas, como no caso de Irma.

Outro exemplo é a figura de uma personagem do sonho *Irma*. Freud apresenta cinco associações ligadas a essa personagem, dizendo que, por isso, ela seria uma “imagem coletiva dotada” no sonho (1900/1996, p. 319). E nesse momento Freud começa a se referir a elementos do sonho, como “Irma”, seu amigo “Otto”, entre outros, como “grupos” de representações, como o “grupo Otto”, fazendo uma menção clara à ideia de que cada palavra ali apresentada compunha um grupo de diversas outras associações e informava que haveria “determinações múltiplas” que tornariam mais fáceis certos elementos se apresentarem no conteúdo dos sonhos.

No Quadro 2 a seguir, incluímos as elaborações que, segundo Freud, informam um grupo. No centro incluímos algumas observações do autor quanto às associações.

**Quadro 2 – Grupo de representações de Otto e Wilhelm**

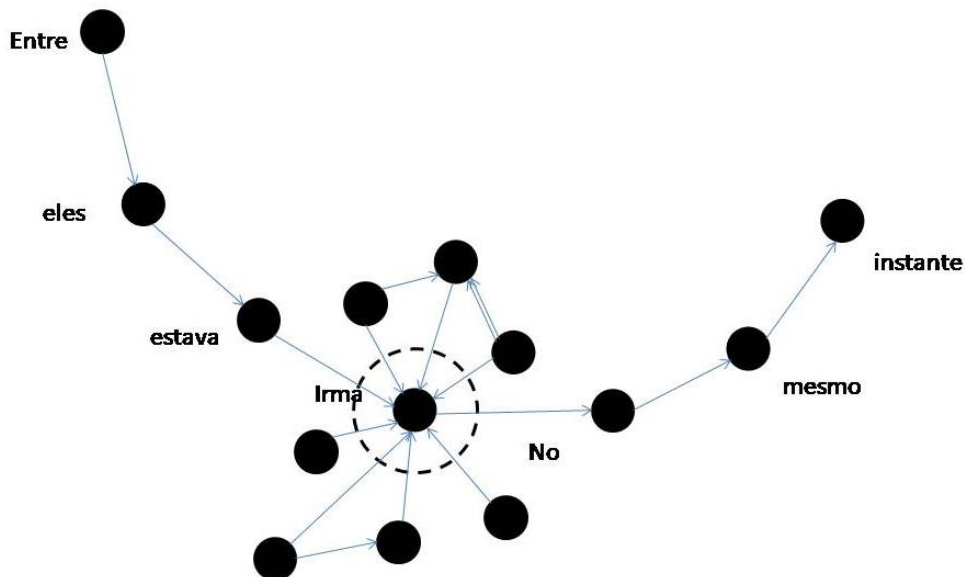
<b>Grupo Otto</b>	<b>Observações feitas por Freud</b>	<b>Grupo Wilhelm</b>
Não me compreendia	O grupo Wilhelm surge para constatar o grupo Otto	Me compreendia
Tomava partido contra mim	O “amilo” levou a... Trimetilamina. Poder ter se apresentado no conteúdo do sonho por isso.	Tomava meu partido
Me presenteava com um licor com aroma de amilo	...trimetilamina (a tremetilamina, que recebia apoio de várias direções, penetrou no conteúdo do sonho).	Quem eu devia tantas informações valiosas que tratavam, entre outras coisas, da química dos processos sexuais

Fonte: Elaboração do autor.

Poderíamos avançar buscando compreender porque o “Grupo Otto” contrasta, segundo Freud, com o “Grupo Wilhelm”, algo baseado no “princípio do prazer”. O próprio Freud informa que é como se buscasse “salvar” seu amigo Wilhelm, e diz que, no caso de um “elo intermediário dessa natureza, a atenção é deslocada, sem hesitação, daquilo que é realmente pretendido para alguma associação vizinha” (1900/1996) – mas não iremos adentrar nesta análise.

O que é importante reter neste momento tem a ver com o caráter sobredeterminado do nome Irma, o que, como “britânica”, segundo Freud, concorre para o aparecimento desses elementos no conteúdo do sonho. Outra observação passa pela citação em que Freud diz que “representações dotadas de grande intensidade” surgem *em bloc*. Vislumbramos aqui mais uma forma de análise dos sonhos que passa pela análise dos grupos de representações em torno de uma palavra muito conectada, uma *hub*, algo aparentemente já previsto na análise *en détail*, mas, nesse caso, Freud fala de associar a palavra à rede de representações inconscientes. Vejamos um grafo hipotético em que unimos um trecho do sonho de Irma, em que o nome dela aparece. Junto ao nó que representa o nome da paciente, conectamos diversos outros nós, formando, assim, um grupo, como o Grupo Otto, o Grupo Irma.

Figura 17 – Grafo hipotético do grupo Irma



Fonte: Elaboração do autor.

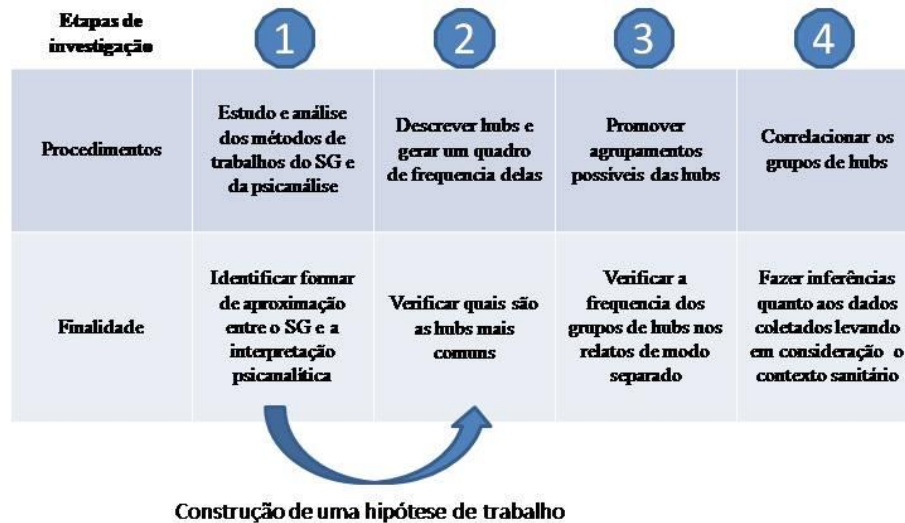
## 2 O PROCESSO DE PESQUISA

A abordagem de investigação que buscamos foi exploratória e de natureza prática. Trabalhamos com dois métodos conjuntamente para ver os efeitos dessa aproximação.

A partir da definição de alguns objetivos iniciais, realizamos (I) uma pesquisa de revisão bibliográfica descritiva teórica envolvendo os trabalhos de Freud elucidativos sobre o tema pesquisado, os relatos de sonhos, além de (II) uma revisão bibliográfica nos moldes de uma revisão integrativa que expressasse o estado de arte das pesquisas com sonhos, além dos métodos usados – essa segunda pesquisa a partir dos descritores “Freud”, “sonhos”, “pesquisa”. “*software*”, “processamento de linguagem natural”. Essas informações foram dispostas no capítulo 1 *Fundamentação teórica*.

O quadro abaixo informa as etapas da pesquisa que será descrita posteriormente.

Quadro 3 – Etapas da pesquisa



Fonte: Elaboração do autor.

Inicialmente (1) buscamos um estudo teórico para compreensão do funcionamento do *software Speech Graph* e de interpretação de sonhos de Freud, buscando aproximar os

métodos (ver Figura 13). Nesse momento compreendemos que o *software* faz a análise do discurso a partir de parâmetros de teoria de rede/gráfo, onde, num esforço descritivo da teoria, vimos como um parâmetro de análise, de centralidade de grau se aproxima de uma racionalidade muito próxima à empregada por Freud e, assim, aproximamos a ideia de “ponto nodal” da ideia de *hub* em teoria de rede, usando essa possibilidade como uma hipótese de trabalho para promover uma pesquisa extensa com diversos relatos de sonhos.(2) De modo descritivo geramos com o *software* uma lista de *hubs* a fim de verificar quais eram as *hubs* mais frequentes. O *software* possibilita uma análise de cada um dos relatos separadamente, indicando quais eram as *hubs* de sonhos, as lembranças do dia anterior, suas associações e interpretações. Dessa forma, geramos uma lista de *hubs* e, entre as várias palavras selecionadas, selecionamos as 20 mais frequentes. (3) Promovemos a formação de agrupamentos para as palavras a partir de grupos que surgiram com a observação e descrição de cada *hub* que se apresentou. (4) Correlacionamos cada um dos relatos promovendo algumas análises como: qual o grupo de *hubs* mais frequentes em cada relato; quais *hubs* se apresentaram mais em cada relato, entre outras, promovendo sobre elas interpretações previstas no método psicanalítico, que possam contribuir para compreendermos melhor o grupo de texto estudado.

Durante esse percurso nos abstermos de análises que levam em consideração a dimensão semântica do discurso, buscando explorar a condição estrutura, ou seja, a conectividade entre as palavras. Todavia, ao final fizemos algumas inferências gerais quanto à compreensão mais geral do sentido das palavras que analisamos.

Outra observação importante é que o processo metodológico descrito contou com diversos momentos de experimentação que não estão descritos aqui, pois partimos inicialmente para um processo de teste de várias possibilidades de trabalho, umas mais complexas que as outras. A pesquisa não obedeceu a um método prévio a ser seguido, mas alguns parâmetros iniciais mínimos em relação à psicanálise e ao método freudiano, notadamente, o esforço para trabalhar com uma dimensão estrutural dos relatos textuais. Dessa forma, o método descrito foi redigido após termos feito o trabalho com os relatos, ou seja, ele descreve o processo investigativo, e não necessariamente um método como um caminho a ser seguido para atingir determinado fim.

## 2.1 Sujeitos da pesquisa

**Critérios de inclusão:** Sujeitos que aceitaram os termos da pesquisa, maiores de idade, relatos em português.

**Critérios de exclusão:** Sujeitos que não aceitaram os termos da pesquisa, menores de idade, relatos em outras línguas além do português.

## 2.2 Recrutamento

Na pesquisa *Sonhos em tempos de pandemia*, realizada entre 10 de abril de 2020 e 24 de julho de 2020, foram coletados 884 relatos de sonhos. Foi executada uma busca por “amostragem de conveniência”. A divulgação da pesquisa foi realizada por meio *online* – *Instagram*, *Facebook*, revistas, jornais, *WhatsApp* –, entre outros, mas o formulário preenchido pelos participantes foi construído no *Instagram@sonhosconfinados*.

## 2.3 Tamanho amostral

Foram coletados 884 relatos de sonhos, mas, com base no uso dos critérios de inclusão e exclusão, o número final foi de 802 relatos.

## 2.4 Variáveis de estudo

As variáveis dos estudos foram quantificadas e descritas com o objetivo de informar quais foram os sonhadores que dividiram seus sonhos para a pesquisa. A princípio não fizemos correlação entre essas informações e os dados textuais analisados, discorrendo sobre temas como gênero, raça, idade, nível socioeconômico somente para traduzir como se compõe essa amostra, dando elementos que nos ajudem ou a não na generalização dos dados pesquisados.

## 2.5 Considerações éticas

Todos os participantes da pesquisa *Sonhos em tempo de pandemia* concordaram em participar da pesquisa, o que se verifica pela assinatura *online* do consentimento informado. Além disso, este estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento faremos a apresentação dos resultados e a discussão seguindo o procedimento metodológico apontado no Quadro 3 – Etapas do método de pesquisa, no capítulo 2 *O processo de pesquisa*.

Como Freud (1900/1996) informa, os relatos do dia anterior aos sonhos são “pré-textos” para os sonhos. Os sonhos então seriam o “texto”, e as interpretações e associações livres em torno dos sonhos poderiam ser resumidas como “associações” em relação ao texto do sonho. Apesar de seguir esse entendimento, inicialmente apresentamos o *corpus* dos textos que trabalhamos na sequência em que foram respondidas as perguntas nos formulários da pesquisa, agrupando somente no final de nosso trabalho essas *hubs* de cada relato do modo que apresentamos acima, ou seja, pré-texto, texto e associações (incluindo interpretações).

#### 3.1 Relatos de sonhos

O primeiro grupo de relatos que apresentamos surge a partir do enunciado “Relate seu sonho. Tente contar o que se lembra. Escreva à vontade”. As palavras *hubs* identificadas em cada relato seguem no quadro abaixo.

Quadro 4 – <i>Hub</i> dos relatos de sonhos			
Palavras	Ocorrências	Palavras	Ocorrências
casa	100	namorado	14
sonho	90	rua	14
pessoas	73	máscara	14
eu	39	pessoa	12
sonhos	34	estava	12
sonhei	27	amiga	11
lembro	23	cidade	11
carro	22	criança	11
pai	15	ex-	10
ente	14	família	10

Fonte: Elaboração do autor.

As *hubs* que identificamos configuram-se nas palavras mais conectadas de cada sonho, e isso não quer dizer que, no caso da palavra “casa”, por exemplo, só existem 100 sonhos com a palavra, mas sim, existem 100 sonhos em que a palavra é identificada pelo *software* como mais conectada, como mais importante, expressiva no relato. Nesse sentido, devemos tratar das *hubs* como um todo, porque cada uma representa um grupo de sonhos em que esse léxico

é mais representativo que os outros, e relacionar essas *hubs* com as *hubs* de outros grupos de palavras.

Inicialmente, as primeiras pistas da nossa investigação passam pelas palavras com maior ocorrência, qual seja “casa”, por estar mais conectada, mas como são diversos os relatos de sonhos, levamos em consideração todas as *hubs* apresentadas para posterior análise. As pistas identificadas ficam a cargo do quantitativo das ocorrências captadas pelo *software* e, listadas em ordem decrescente, palavras que entendemos estar sobredeterminadas por diversas outras.

Uma observação que nos chama a atenção tem relação com o fato de haver somente uma palavra relacionada a pandemia: a palavra “máscara”, ou seja, uma palavra com referência direta ao contexto no qual se assenta essa pesquisa, a pandemia de covid-19. Há quase uma ausência de representações que fazem menção à pandemia, que, nesse sentido, está menos conectada que “casa” e “pessoas”, embora seja possível relacionar “máscara” com outras palavras mais conectadas, como “pessoas”, “rua”, “cidade”, “pai”, “família”, entre outras.<sup>30</sup>

Com isso, é possível trabalhar com as elaborações de um grupo de sujeitos, como uma espécie de grande sujeito, “Brasil”, por exemplo. Quanto à palavra “casa”, sua ligação com moradia pode ser inferida a partir das respostas a algumas perguntas feitas aos entrevistados, quando obtivemos a resposta de que 80,82% moram em cidades que decretaram o isolamento social, e muitos deles estariam atualmente em sua casa particular; 84,68% não trabalham em serviços essenciais, então pudemos inferir que a “casa”, além de ser o local em que o sonho foi produzido, é o campo de convivência por excelência desses sujeitos no momento de isolamento social.

\*\*\*

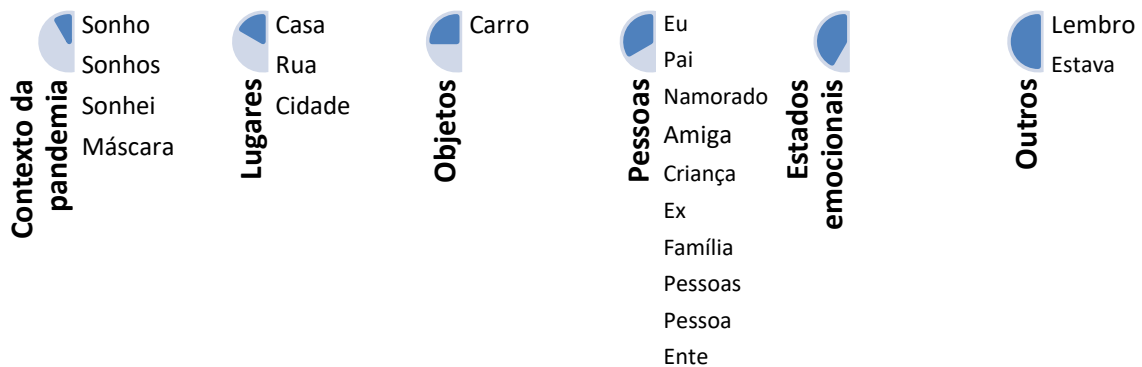
Neste momento partimos em busca de compreender se as *hubs* formariam o que podemos chamar de ‘categorias’, ou seja, buscando entender como elas se distribuem, para uma comparação com cada grupo de relatos, almejando explorar mais uma forma de depurar essas representações em nossa investigação. Como resultado, identificamos seis grupos descritos no Quadro 5 a seguir, referentes à categoria **Contexto** (no caso, totalmente centrado

---

<sup>30</sup> Um trabalho com linguística de *corpus* poderia buscar empreender análise qualitativa em relação à palavra “máscara”, podendo até informar sua proximidade com a palavra casa, mas não é esse o nosso interesse.

na condição social, econômica, sanitária e no contexto da pesquisa),<sup>31</sup> bem como **lugares**, **objetos**, **pessoas**, **estados emocionais** e **outras**, ou seja, outras palavras.

Quadro 5 – Agrupamento das *hubs* dos relatos de sonhos



Fonte: Elaboração do autor.

Iniciando o trabalho com os grupos de palavras, observamos que na coluna **Contexto da pandemia** há a mobilização de palavras que estão presentes na própria pergunta do questionário (ANEXO 1), como “sonho, sonhei, relato”, como o nome da própria pesquisa “sonhos confinados”, “sonhos em tempo de pandemia”, o que sinaliza para a atenção do pesquisado em participar da pesquisa e informa sua compreensão. Todavia, no decorrer da nossa análise não nos ativemos a essas palavras. Mas foi nesse grupo que incluímos uma palavra com referência direta à condição “pandêmica” em que foram gestados esses sonhos, com a palavra “máscara”, embora essa não seja a palavra *hub* mais frequente nos relatos.

Quanto ao grupo **Lugar**, a palavra “casa”<sup>32</sup> é a mais frequente e se relaciona com o contexto do sono e do sonho, além do contexto coletivo de isolamento social. Por essa via, a freqüenciada *hub* “casa” tem importância para vários sonhos. Ainda que vários sonhos, em uma leitura humana, passem pela vivência relacionada à pandemia de covid-19, as palavras referentes a ela estão entre as menos conectadas, o que num primeiro momento nos distanciaria de uma interpretação mais corrente que se vale da ideia de “trauma” como mote para a compreensão desses eventos, trazendo os “sonhos traumáticos” como modelo.

No grupo **Objetos**, temos as palavras “carro” e “máscara”, a qual seria a única menção direta à pandemia. A quase ausência de palavras referentes ao contexto pandêmico pode

<sup>31</sup>Incluímos também neste grupo as palavras diretamente relacionadas à pesquisa, por vezes mencionadas nas perguntas feitas aos entrevistados.

<sup>32</sup>Esse léxico traz outra possibilidade de análise, como símbolo, ou seja, a interpretação simbólica, pode-se ver como essa palavra se associa com outras usando o LIWC, com seu *corpus*.

também ser colhida quando vemos que vários entrevistados não disseram que seus sonhos foram “ruins” ou “pesadelos”, como se os sonhos não fossem sonhos que dessem continuidade às vivências que esses sujeitos estariam tendo no dia a dia, o que seria esperado no período da pandemia de covid.

Quanto ao grupo **Pessoas**, as palavras estão mais próximas da ideia de família extensa (namorado, amiga, ex-) que família consanguínea, como pai, criança, família, pessoa(s). Nesse grupo temos uma segunda *hub* que iremos trabalhar – “pessoas”.

Já no grupo **Estados emocionais** não se apresenta nenhuma palavra que esteja fortemente conectada, ou seja, uma “representação múltipla” tal qual palavras como “sonho” ou “casa” na coluna **Contexto**. E em **Outros** as palavras “lembro” e “estava” também não são *hubs* mais frequentes.

Para Freud, além de proteger o sono, o sonho tem uma importância que passa pelo velamento de uma condição de desprazer vivenciada anteriormente (é uma das várias hipóteses de Freud). Desse modo, esperávamos que não houvesse muitas menções à pandemia. Mas devemos aguardar as *hubs* das lembranças do dia anterior ao sonho para verificarmos a pertinência desta tese. O que retemos até o momento é que, se as *hubs* representam parte fundamental do contexto das elaborações dos sonhadores, ou de um discurso qualquer, o contexto aqui passa pelo grupo **Pessoas**, que inclui família, amigos, entre outros atores. Chama a atenção a ausência de palavras de conteúdo emocional, bem como as referências diretas à pandemia.

Vale observar que foi escolha feita por mim incluir palavras como “casa” no grupo **Lugares**, e não no grupo **Contexto da pandemia**, o que faria sentido tendo em vista que, com a exigência do isolamento social nesse período, a palavra “casa” estaria próxima a “isolamento social” e, nesse sentido, “casa” faria também parte do grupo **Contexto da pandemia**. Isso não foi feito porque acreditamos que perderíamos na nossa descrição das palavras e do modo como elas aparecem, uma vez que a lógica acima poderia fazer com que incluíssemos quase todas as palavras do grupo **Contexto**. Por isso, deixamos somente as palavras mais óbvias, como isolamento, pandemia, vírus, entre outras.

### 3.2 Lembranças do dia anterior à noite do sonho

Um segundo grupo de relatos advém das respostas à seguinte pergunta: “Você se lembra de alguma coisa que pensou, viu, ouviu, leu e/ou vivenciou no(s) dia(s) anterior(es) à noite do sonho que queira relatar?”. Trata-se das vivências do dia anterior que Freud chama

de “restos diurnos” e surge como “pré-texto” dos sonhos. A análise computacional desses relatos gerou o quadro abaixo.

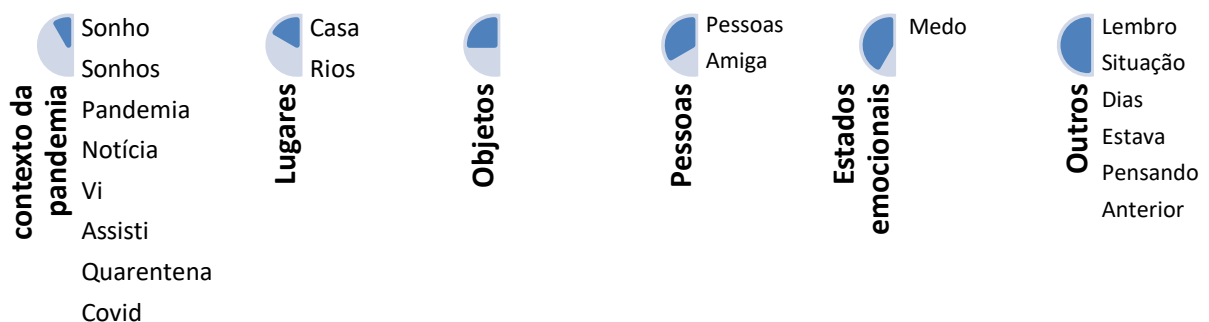
<b>Palavra</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Palavra</b>	<b>Ocorrências</b>
sonho	58	sonhos	19
dias	43	amiga	18
notícias	41	estava	17
casa	37	pensando	17
pessoas	36	assisti	16
lembro	34	quarentena	16
vi	28	anterior	15
pandemia	25	covid	15
não	23	rios	14
medo	19	situação	14

Fonte: Elaboração do autor.

Com este grupo de relatos vemos que surgem mais palavras ligadas ao contexto externo do sujeito, ou seja, a condição sanitária, econômica, social, como “pandemia, quarentena, covid”, palavras muito conectadas. Já outras palavras apresentam, não de modo tão evidente, associações com o tema do contexto, como “notícia, vi, assisti”, o que está relacionado com o momento em que a pesquisa foi feita, a vinculação de notícias relacionadas à pandemia crescente e em pouco tempo, dado o fardo das dimensões mundiais que tomara a pandemia.

No Quadro 5 apresentamos o grupo de palavras mais conectadas nos relatos de lembranças do dia anterior aos sonhos dispostas em alguns agrupamentos.

**Quadro 7 – Agrupamento das hubs dos relatos de sonhos relatos do dia anterior**



Fonte: Elaboração do autor.

Como vimos, as *hubs* que se apresentam no quadro de relatos de sonhos evidenciam que mais palavras relacionadas ao contexto relacional do sonhador, ou seja, “pais, namorados, amigo”, entre outros, são mais presentes, ou seja, mais pessoas sonharam com esses entes. Porém, quando respondem à pergunta sobre o que fizeram no dia anterior, a ocorrência dessas palavras diminui, surgindo um número maior de palavras do grupo **Contexto**, como se o sujeito se destacasse menos da condição social. Isso se explica pelo fato de haver mais elaborações secundárias – ao acordar, o contexto é mais social do que pessoal. O contexto que se evidencia é a condição sanitária, marcada pelas palavras relacionadas à pandemia, como “pandemia”, “quarentena”, “covid”, além de “notícia”, como vimos. Essa análise informa não necessariamente que a maioria das pessoas sonham com a pandemia, mas que a pandemia se manifesta nos sonhos daquelas pessoas que estão mais conectadas.

No grupo de palavras relacionadas ao **Contexto**, algo das vivências ligadas à condição sanitária se apresenta marcante, ao passo que nos sonhos isso não ocorre. No sonho o contexto relacional do sujeito ligado ao seu grupo familiar fica mais presente, seu contexto associativo pessoal, enquanto nos “relatos de sonhos” algo se esconde, como se o desprazer, ou o mal-estar relacionado às vivências anteriores aos sonhos fossem no sonho tratado. No sonho o indivíduo é levado novamente a elaborações mais fundamentais, mais ligadas aos seus desejos mais infantis, e talvez por isso surgem palavras mais próximas a um contexto das relações sociais.

No grupo **Lugares** a palavra “casa” ainda está presente, mas notamos uma diminuição de sua frequência, enquanto no grupo **Estados emocionais** surge uma palavra muito expressiva – “medo”. Ainda seria possível pensar que “medo” é a primeira camada de interpretação para o resto diurno, ao passo que no sonho impera uma dimensão mais relacional em que uma categoria que permite melhor uma generalização, como o “medo”, abre espaço para uma condição de “desamparo”, talvez mais ampla, mais estrutural para a natureza humana numa compreensão freudiana. Em suma, nos sonhos, o contexto “pandêmico” perde força, e as relações entre diversas pessoas (grupo **Pessoas**), ficam mais proeminentes. Nos grupos **Lugares e Objetos**, os relatos de sonhos acabam por apresentar mais elementos relacionados ao contexto interno do sujeito, como já mencionamos, dizendo de mais lugares no sentido literal – “casa”, “rua”, “cidade”.

Vemos um processo entre o relato de sonho e as lembranças do dia anterior, uma transferência do investimento em elaborações voltadas para um conteúdo talvez mais íntimo, para outro mais social. Trata-se aqui de um conceito freudiano. Além desse, podemos dizer

que a retomada para um contexto mais íntimo das relações familiares básicas marca um condição sempre “recente” que o sonho promove em relação ao circuito de desejo do sonhador, ou seja, as vivências de desprazer do dia anterior mobilizam as demandas mais infantis dos sonhadores que se põem a tratá-las nos sonhos com os vários atores que, seguramente, são representativos tanto de momento extremamente agradáveis, quando outros de sofrimento, ou necessidade de acolhimento.

### 3.3 Associação

A pergunta que deu origem aos relatos que informamos agora é a seguinte: “Tente anotar o que está passando na sua cabeça neste exato momento, mesmo se não tiver relação com o sonho. Escreva “sem pensar”. Pode associar à vontade.”.

**Quadro 8–Hubs das associações**

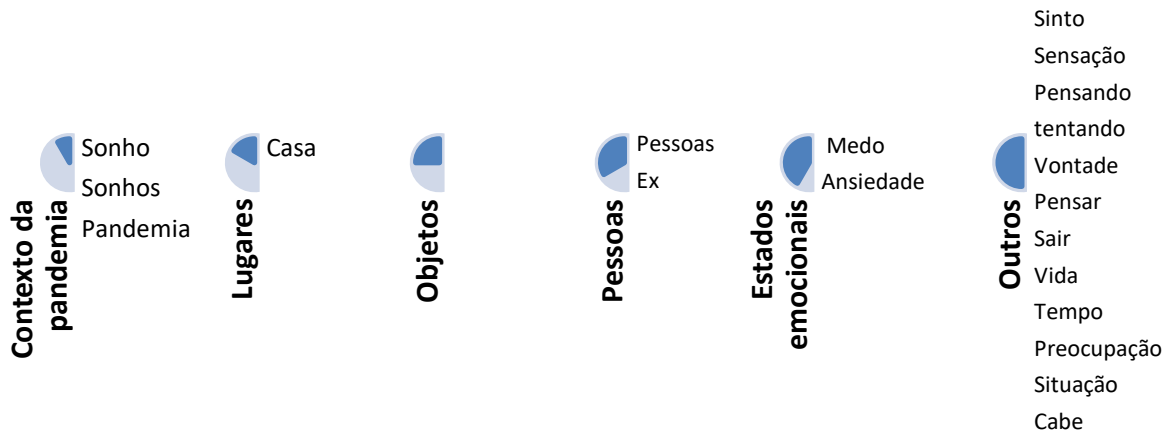
<b>Palavra</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Palavra</b>	<b>Ocorrências</b>
sonho	85	vida	21
medo	55	ansiedade	19
pensando	44	tempo	19
sonhos	35	situação	18
sinto	32	cabe	17
pessoas	30	tentando	17
casa	29	vontade	17
ex-	25	pensar	15
sensação	24	preocupa	15
pandemia	23	sair	15

Fonte: Elaboração do autor.

Neste momento, a palavra “medo”, que só surge no “resto diurno” e é inexistente no sonho, se tornou a principal palavra quanto os sujeitos da pesquisa foram convidados a associar livremente, aumentando de frequência, enquanto é menor a frequência da palavra “casa”. Em termos psíquicos, isso é muito expressivo, uma vez que nos faz retornar à tese do funcionamento mental baseado no princípio do prazer, ou na busca de tratar uma vivência de prazer anterior ao dia do sonho. A palavra “medo” traz à tona novamente um contexto que facilmente relacionamos à pandemia de covid-19 no Brasil. Neste momento a palavra “casa” diminui ainda mais de frequência.

Passamos agora para o agrupamento das palavras *hub*.

Quadro 9 –Agrupamento das *hubs* das associações



Fonte: Elaboração do autor.

Nesta apresentação, fica mais evidente o crescimento de palavras do grupo **Estado emocionais**, talvez em decorrência de relatos mais livres dos entrevistados, de pergunta mais ampla, aberta. Em relação aos relatos de sonhos, há a apresentação de diversas palavras que podemos relacionar com conteúdos relacionados a interesses ou vivência pessoais, como “vontade, pensamento, tentando, sensação”. Além disso, surge uma palavra nova – ansiedade.

### 3.4 Interpretação

A pergunta que deu origem aos relatos que informamos agora é a seguinte: “Como você entende, interpreta ou explica esse sonho? Acrescente o que quiser”. Este grupo seria expressivo para dizer o que os sujeitos participantes da pesquisa interpretam em relação a seus sonhos, e podemos, eventualmente, empreender uma comparação com o que temos interpretado até este momento. Todavia, em relação às “associações”, as diferenças não são expressivas. A seguir apresentamos o quadro das palavras *hubs* deste grupo de relatos.

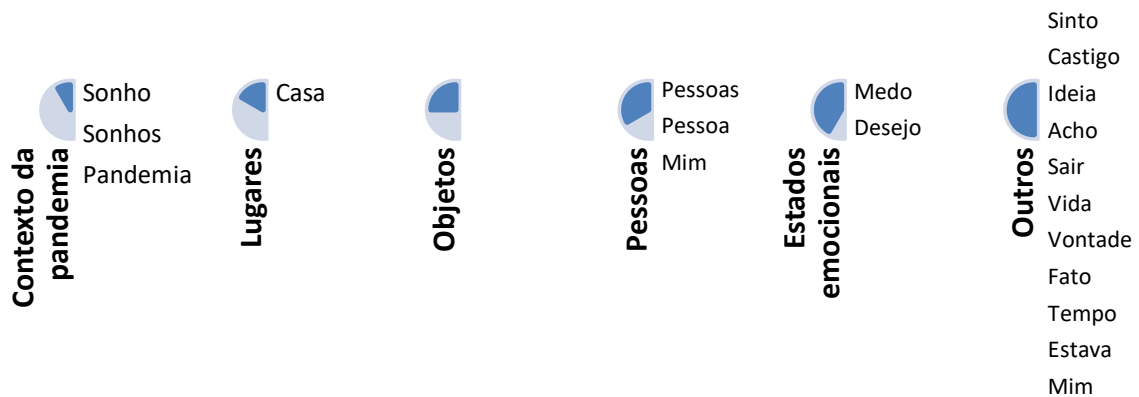
Quadro 10 – Hubs das interpretações

Palavra	Ocorrências	Palavra	Ocorrências
sonho	88	consigo	21
medo	77	ideia	21
pessoas	57	mim	21
estava	42	casa	20
relação	37	desejo	20
acho	31	sair	17
vida	31	vontade	17
sonhos	29	fato	16
pandemia	23	situação	16
sinto	23	tempo	15

Fonte: Elaboração do autor.

Novamente vemos a diminuição da frequência da palavra “casa”, e o aumento da palavra “medo”. Em relação às associações, se mantém o aparecimento de palavras diversas algumas das quais dizem do interesse pessoal dos sonhadores, como mostra no quadro a seguir.

**Quadro 11 - Agrupamento das *hubs* das interpretações**



Fonte: Elaboração do autor.

### 3.5 Síntese das análises

Compreendemos que, ao tomar as principais *hubs* dos relatos, “casa”, “dias”, “medo”, e novamente, “medo”, a interpretação não seria possível, por isso incluir o contexto social em que os sonhos foram gestados e vincular todas a *hubs* que se apresentavam um grupos de palavras.

Nos **sonhos** as palavras que mais aparecem fazem parte do grupo **Pessoas** e o contexto pandêmico só se apresenta pela palavra “máscara”, e não há nenhuma menção a afetos ou sentimentos. As pessoas mencionadas fazem parte basicamente do grupo de relações possíveis para uma pessoa: família, amigos, namorados, ex-namorados.

Podemos afirmar, assim, que a maioria dos sonhadores não tem no relato de seus sonhos uma palavra relacionada à pandemia. Isso não quer dizer que a maioria dos sonhos não giram em torno do tema, mas que as palavras que levam ao contexto associativo desses sujeitos não passam por temas da pandemia. Talvez isso tenha a ver com o trabalho dos sonhos, mas buscamos as palavras mais conectadas porque estamos trabalhando com a hipótese de que elas informam mais sobre o contexto elaborativo dos sonhadores.

Já nos **restos diurnos** há mais palavras no grupo **Contexto da pandemia**, como “covid”, “quarentena”, entre outras. É neste momento que surge uma *hub* no grupo **Estados emocionais**— a palavra “medo”.

Ao comparar esse dado com os dados apresentados nos sonhos, vemos a condição vivenciada no dia anterior, ou nos dias anteriores, segundo os participantes da pesquisa. E constatamos que não há menção à pandemia, o que chama ainda mais atenção para o fato de que palavras não surgem nos relatos de sonhos, nem mesmo palavras que exprimem **Estados emocionais**, como medo, angústia, tristeza, entre outras.

Assim, podemos inferir que, se as palavras “casa”, “pessoas”, bem como as várias palavras que compõem o grupo **Pessoas** são expressivas do campo relacional desses sujeitos, sua rede de relações mais próximas, (tomando rede no sentido de rede de relacionamento interpessoal), há uma desconexão ou uma descontinuidade quanto às palavras relacionadas ao “pré-texto” dessas palavras, ou seja, os “restos diurnos”, uma vez que nesse grupo de relato o contexto pandêmico é evidente.

Esta análise nos acende para uma interpretação, para além daquele que informa sobre o processo de trabalho dos sonhos, de deformação de seu conteúdo. Se a trimetilamina, como propil, ácido propiônico, surgem no relato do sonho de Irma de forma desconectada. Isso quer dizer que há nesse caso uma hiperconexão e não uma desconexão. Ou seja, interessa ao método psicanalítico não necessariamente o que se esconde os elementos mais “banais”, que se apresentam “soltos”.

As palavras mais conectadas em **associações** são “medo” e “pensando”; em **interpretação**, são “medo” e “pessoas”. Não identificamos diferenças nas associações e nas interpretações dos participantes da pesquisa, inclusive o número de palavra de cada grupo é muito próximo, ficando evidente a diferença desses relatos para os relatos de sonhos de restos diurnos, como mostra o Quadro 12 mais adiante.

Dessa forma, o objeto identificado no dia anterior aos sonhos, composto das palavras “pandemia”, “notícia”, “quarentena”, “covid”, é evidenciado nas **associações** pela palavra “medo”. Então, temos a sequência que vai das vivências próprias à pandemia através, sobretudo, de notícias sobre elas, relatos em sonhos totalmente voltados para a condição das relações intersubjetivas, para os mais múltiplos em **associações** e **interpretações**, que passam pelas palavras “medo” “pensamento” e “pessoas” e vai para diversas outras.


Contudo, as múltiplas **associações** que fazem, trazem *hubs* diferentes em **interpretação** e **associações**, indicam que existem muitas saídas para esses sujeitos, muitos caminhos possíveis de interpretação de seus sonhos. Além disso, compreendemos que nos

dados coletados há elaborações que podem confirmar várias passagens dos textos de Freud onde ele diz que, como no relato do sonho de Irma, há uma vivência de desconforto, incômodo ou sofrimento no dia anterior ao sonho. Isso pode surgir no sonho e nele ganhar um tratamento, por isso não fica evidente no sonho a condição pandêmica. E quando os sujeitos são postos a falar, há uma ampliação das possibilidades interpretativas, o que não é possível fazer neste trabalho. É por isso que nos relatos de sonhos, restos diurnos até as associações vemos cair a frequência da palavra “casa”, por exemplo, e surgir e aumentar a frequência da palavra “medo”.

Em suma, no processo de distorção das vivências tidas em vigília, o que vemos com os vários relatos sobre a pandemia são palavras que remetem a possibilidades múltiplas associativas, que têm relação com as especificidades de cada sonhador. Mas a diferença entre restos diurnos e sonhos diz do “passo à frente” que Freud diz ser o sonho. Ouseja, há nesse caso um avanço que é ouvido, lido, com as associações em torno dos sonhos e para nós o passo à frente aponta para a importância de pensar as relações interpessoais ou familiares para onde os relatos de sonhos apontam. No momento, compreendemos que a saída inconsciente que os sujeitos participantes desta pesquisa apontam é um retorno às relações primárias como resposta ao medo imposto pela pandemia de covid-19.

Nesse sentido, foi possível construir o Quadro 12 com as informações colhidas. À esquerda está representado como se dá o processo de transferência de afeto entre as representações, na ordem em que um indivíduo vivencia um sonho e busca contá-lo, interpretá-lo. Na primeira coluna listamos os grupos de relato; na segunda coluna informamos como podemos ler cada relato de modo sucinto; na terceira coluna apresentamos as conclusões gerais das análises das *hubs*; na quarta coluna listamos as características identificadas e na quinta coluna mostramos nossa hipótese para essas características.

**Quadro 12 – Síntese dos resultados da análise das palavras *hub***



Relatos de:	Leitura dos relatos pela psicanálise	Resultado da análise das hubs	Característica	Hipótese geral sobre a vivência de cada sonhador
1º - Lembranças	Pré-texto para os sonhos	Contexto externo ligado a pandemia	Marcado pela pandemia; vivência de medo	Vivências de desprazer
2º - Sonho	Texto dos sonhos	Contexto interno ligado as relações interpessoais	Marcado pela relações familiares	Vivência de prazer; menções a pandemia escarças
3º - Associações	Elaboração sobre o sonho	Interesses pessoais	Marcado por interesses pessoais; aumento da apresentação da palavra medo	Elaborações subjetivas; interpretação; construção
4º - Interpretações	Elaboração sobre o sonho	Interesses pessoais	Marcado por interesses pessoais; aumento da apresentação da palavra medo	Elaborações subjetivas; interpretação; construção

Fonte: Elaboração do autor.

### 3.6 Interpretação de sentimento e pensamentos sobre a pandemia

Por último, gostaríamos de mencionar outra pergunta feita na pesquisa e que nos autoriza a relacionar as palavras apresentadas nos relatos a um contexto específico, da pandemia de covid-19.

Ao passarmos dos relatos de sonhos às associações, vemos que a palavra “medo” vai ganhando mais importância, porém a relação mais direta desse “medo” com a pandemia parece ficar mais evidente com a pergunta que buscava saber quais palavras (de 3 a 5) vêm à mente do entrevistado tomando como referência a palavra “pandemia”. A sequência das palavras mais frequentes consta no quadro a seguir.

**Quadro 13 – Frequência de palavras relacionadas a palavra “pandemia”**

<b>Palavra</b>	<b>Ocorrências</b>
medo	329
ansiedade	197
tristeza	129
angústia	98
incerteza	71
preocupação	66
esperança	65
insegurança	64
saudade	61
raiva	50

Fonte: Elaboração do autor.

A “persona” que vemos surgir com todos os relatos, como “sonhos do Brasil”, é marcada pela necessidade de rever as relações interpessoais, por surgirem tão fortemente nos sonhos, talvez por ser algo ligado à neurose que se forma diante da pandemia, ligada ao tabu do contato, para algo maior, que causa medo, ligado ao medo da morte por covid-19 e o potencial de transmissão que levou as autoridades sanitárias a decretar o isolamento social.

Nesse sentido, vale observar que os sujeitos participantes da pesquisa, em sua maioria, são mulheres, que conseguem manter o isolamento social, com renda fixa e sem contato direto com a doença, mantendo os conflitos internos centrados em seus vínculos afetivos familiares. Dessas pessoas, a maioria dos entrevistados informaram que não identificam seu sonho como “pesadelo”, nem como “sonho ruim”. Porém, acreditamos que, se colhêssemos sonhos atualmente, após as consequências mais devastadoras da pandemia, esse cenário poderia mudar – Não temos condição de afirmar que pessoas desprovidas das necessidades básicas, que aparentemente não é o público desta pesquisa, estariam vivenciando situações semelhantes.

De todo modo, as palavras apresentadas no Quadro 13 reforçam a condição que muitos dos sonhadores vivenciam em torno da pandemia, e nos ajudam a entender o crescimento da ocorrência da palavra “medo” nos relatos. Se Freud entende ser fundamental o contexto em que o sonho se passa, ou a vivência do dia anterior, essa pergunta nos ajuda a nomear esse contexto a partir das palavras do grupo de pessoas que participaram da pesquisa.

## CONCLUSÃO

Nosso trabalho parte da hipótese de que haveria um modelo de leitura em Freud baseado no funcionamento associativo, textual e que ele estaria em certa medida próximo do modelo de rede, e nesse caso seria possível tratar as associações de um paciente como uma rede, sobretudo uma rede do tipo preferencial, como informado. Nesse sentido, fizemos uma aproximação da ideia de “ponto nodal”, que seria, por exemplo, a palavra “trimetilamina” no sonho de Irma e a concepção de “nó” *hubs* em teoria de rede.

Ao fim deste trabalho, a aproximação mencionada entre os métodos nos pareceu possível, na medida em que abriu espaço para explorarmos o uso heurístico da teoria de rede como modelo, ou mesmo usar dessa “racionalidade” para movimentar pesquisas em psicanálise. Trata-se de um modelo que nos ajudaria a compreender como se dá o que Freud chamou de “dinâmica das ideias” dos seus pacientes. Nesse sentido, temos como meta de pesquisa posterior um aprofundamento em outras explicações metapsicológicas, como a dimensão “econômica” e “tópica” e seu possível tratamento em análise de rede.<sup>33</sup>

Outro ponto a ser explorado para uma aproximação mais precisa entre psicanálise e teoria de rede seria a compreensão matemática de uma rede, bem como as noções de construção de um *software* como o *Speech Graph*, o que exigiria um trabalho interdisciplinar – compreendemos que pode ser promissora a interlocução com a linguística computacional, a matemática e até mesmo a psiquiatria computacional.

Esta pesquisa também viabilizou, com o uso de um *software*, a análise de vários textos, o que, para um humano, seria uma tarefa hercúlea, ou mesmo impossível, da forma como fizemos. Acreditamos que merece ser explorada a análise a que se chega com essa aproximação entre uma sugestão de um método psicanalítico de análise e a análise de redes, como fizemos.

Quanto à compreensão de conceitos psicanalíticos através da teoria de rede, poderíamos dizer em psicanálise que a deformação do sonho tem haver com o conglomerado de formações de redes que o sujeito apresenta, ou seja, a condensação, o deslocamento, inclusive o esquecimento dos sonhos podem evidenciar “pontos nodais” que de algum modo

---

<sup>33</sup> Há a necessidade de aprofundamento em outros conceitos também, como a concepção de linguagem; a diferença do conceito de representação em vários momentos da obra; o conceito de memória; a teoria do pensamento no *Projeto*; a noção de representação de objeto e de palavra; as diferenças entre associações de ideias nos sonhos e em vigília; os vários conceitos de inconsciente em Freud e sua justificação; os vários modelos utilizados para compreender o funcionamento mental, entre outros.

fazem com que o circuito apresentado por esse sujeito tenha determinada característica, estas, sobretudo, desconexos, muitas vezes.

Quanto à importância do método freudiano de análise em um trabalho como esse, entendemos que ele possibilita que façamos inferências quanto a possíveis redes de ideias em torno de um ponto das elaborações do sujeito, como uma estratégia aproximativa para irmos além da condição do discurso consciente do paciente, e talvez esteja aqui uma contribuição do método psicanalítico para a neurociência, saindo, assim, da ideia de um “inconsciente misterioso”, como Freud chegou a mencionar, para algo que se apresenta na fala ou no funcionamento da memória.

Como resultados das análises dos relatos, estando correta a nossa hipótese quanto às palavras *hubs*, compreendemos que, como Freud já observara, que o conteúdo expresso nos relatos de sonhos, de algum modo, “trata” a realidade vivenciada pelo sonhador, a qual colhemos com precisão nos relatos do dia anterior, relacionados à pandemia. Vimos também que a maioria dos entrevistados sonha com as pessoas mais próximas, como família e amigos, o que também corrobora as concepções freudianas, ou seja, mesmo que o contexto social passe por condições diversas, relacionadas a uma crise sanitárias, ao sonhar, parece haver uma tendência a retornarmos para nossa rede de relações mais básicas, como se houvesse um retorno às relações primárias na vida.

Quanto às limitações do uso do *software*, há certamente uma perda quanto se fala do tratamento estritamente linguístico dos relatos de sonhos, de tal modo que é provável que existam outras formas de análise psicolinguística que podem contribuir com o trabalho aqui iniciado. Entendemos que outros trabalhos que envolvem outras formas de narrar sonhos, que passem menos pela palavra e mais pelos efeitos do sonho nos sonhadores, podem se associar com os dados de uma pesquisa com o nível de objetividade que buscamos aqui.

Também entendemos que a riqueza da leitura psicanalítica, própria ao processo de análise, se perde neste tipo de pesquisa, mas não é o objetivo desta nem de outras pesquisas semelhantes, de que temos notícia, substituir o valor do vínculo propiciado em um trabalho de análise e sua riqueza no nível da compreensão da natureza humana.

## REFERÊNCIAS<sup>34</sup>

- A.-L., Barabási. *Linked [conectado]: A nova ciência dos networks*. Como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. (J. P. Santos, trad.). (pp.139-166). São Paulo, SP: Leopardo.
- Beer, P. A. C. (2015). *Questões e tensões entre psicanálise e ciência: considerações sobre validação*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Bocchi, J. C. (2010). *A psicanálise freudiana e o atual contexto científico da biologia da mente: uma discussão a partir das concepções sobre o ego*. 2010. 255 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. Recuperado em maio 2021, de <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4783/3363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Caldeira, S. M. G. (2005). *Caracterização da rede de signos linguísticos: um modelo baseado no aparelho psíquico de Freud*. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Modelagem Computacional) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu, Fundação Visconde de Cairu. Salvador, BA.
- Casanave, C. M. I. L. (2008). *As tramas de Mnemosine: a memória nos primórdios da teoria freudiana*. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Filosofia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Recuperado em maio 2021, de [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280575/1/Casanave\\_CarlotaMariaIbertisdeLassalle\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280575/1/Casanave_CarlotaMariaIbertisdeLassalle_D.pdf).
- Costa, G. Q. (2015). Considerações sobre a causalidade psíquica e a escolha na psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, Vol. 33, pp. 1-9. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3341>.
- DiGiorgio, M. E. A. G., & Di Giorgi, F. V. (1990). O“Esquecimento de nomes próprios”, na psicopatologia da vida cotidiana, de Sigmund Freud. *Estudos Avançados*, São Paulo, SP4(8), pp. 116-125. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ea/a/P8XKmyc559VLPb8BTq3Sqfr/?lang=pt>.
- Ferrari, (2004). G. A State of the art in Computational Linguistics. In: P. Sterkenburg (ed). *Linguistics Today. Facing a Greater Challenge*. Amsterdam: John Benjamins. (pp. 163-186).
- Freud, S. (1891). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In: L. A. Garcia-Roza, L. A. (2014). *As afasias de 1891*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (pp. 8-59). (Col. Freud e seus interlocutores).

<sup>34</sup>De acordo com o estilo APA (*American Psychological Association*).

- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos I. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. IV, pp. 1-363). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos II. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. V, pp. 371-776). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer (1920). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. VIII, pp. 12-75). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 12-75. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XXIII, pp. 225-270). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1996). Artigos sobre a metapsicologia (1915). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XIV, pp. 111-122). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobrepsicanálise (1933). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XX, pp. 17-177). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 12-75. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XXI, pp. 15-63). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- FREUD, S. (1996). O inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XIV, pp. 171-209). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2016). *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. (E. B. Rossi, trad.). 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (2019). As pulsões e seus destinos. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud*. (vol. 2, P. H. Tavares, trad., pp. 13-69). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Gabbi Jr. O. F. (2003). *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Kaszubowski, E. (2016). *Modelo de tópicos para associações livres*. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- L. Freeman, C. (1978). *Centrality in Social Networks Conceptual Clarification*. (vol. 1, n. 1968, pp. 215-239).
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. (P. Tamen, trad.). 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Levisky, D. L. L., & Dunker, C. I. L. (2014). Comentário ao caso Antônio. *Percurso*, São Paulo, SP, ano XXVII, n. 53, dez. Revista semestral de psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- Luz, J. P. (2018). *Análise de grafos aplicada a produções textuais de alunos do ensino fundamental e seu potencial preditivo da dislexia do desenvolvimento*. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Mezan, R. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), pp. 227-241. Recuperado em 04 jun. 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt).
- Mota, N. Análise de grafos aplicada a relatos de sonhos: ferramenta diagnóstica objetiva e diferencial para psicose esquizofrênica e bipolar. Natal, RN: UFRN, 2013.
- Othero, G. D. A. (2006). Linguística computacional: uma breve introdução. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, RS, v. 41, n. 2, pp. 341-351, jun.
- Padovan, C. (2020). Introdução à análise empírico-conceitual como método de investigação em história da psicanálise. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -9, p. 8, 2020. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2021/07/01/n-9-08/>.
- Pardelli, G., & Biagioni, S. (2013). Quando la linguistica incontra l'informatica: una riflessione terminologica. *SCIRES-IT-SCIENTIFICRESEARCHANDINFORMATION TECHNOLOGY* (v. 3, n. 1, pp. 67-78).
- Ribeiro, S. (2018). A cerebração de Freud: contribuições do pensamento freudiano para a neurociência e vice-versa. In D. Kupermann, (org.). *Por que Freud hoje?*(pp.139-166). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Ribeiro, S. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro e L. Magalhães, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Silva, T. C., & Zhao, L. (2016). *Machine Learning in Complex Networks*. Switzerland: Springer. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/978-3-319-17290-3>.
- Simanke, R. T., & Caropreso, F. (2011). A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Scientiae Studia*, São Paulo, SP, v. 9, n. 1, pp. 51-78. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ss/a/6hg9sHGsdKbGhHPWB7mxc9S/?lang=pt>.
- Vieira, R., & Lima, V. Linguística computacional: princípios e aplicações. SBC - Jornadas de Atualização em Inteligência Artificial (JAIA), v. 3, p. 47-86, 2001.

## ANEXO A

### SONHOS CONFINADOS

Pesquisa com fins de produção de conhecimentos científicos e literários sobre sonhos produzidos durante o período da Pandemia Mundial de COVID-19, sejam eles relacionados ou não à pandemia.

**\*Obrigatório**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “SONHOS CONFINADOS” realizada por um grupo de pesquisadores, psicanalistas, escritores e apaixonados por sonhos, vinculados à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além de pesquisadores associados. A pesquisa tem como objetivo coletar relatos de sonhos produzidos durante o período de pandemia de COVID-19, bem como outros elementos a eles relacionados, sejam materiais escritos, orais, etc, a fim de analisar e/ou interpretar, psicanalítica ou literariamente, as estratégias subjetivas de elaboração do contexto histórico sui generis pelo qual estamos passando. O referencial teórico principal dessa pesquisa é a psicanálise e a perspectiva é a de que os limites entre psicologia social e psicologia individual são tênues. A pesquisa se insere num projeto de cooperação interinstitucional, envolvendo a UFMG, a USP e a UFRGS, além da contribuição de pesquisadores da UFRJ.

Para participar, além de ler e compreender bem este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, é preciso que você leia a declaração ao final deste texto e clique que concorda em participar, o que lhe dará acesso ao questionário on-line. Caso queira, é possível arquivar e/ou imprimir uma cópia deste termo. Esta pesquisa não é vinculada formalmente a nenhuma Instituição ou Universidade, embora todos os pesquisadores sejam profissionais qualificados, coordenados por um professor-doutor.

Para a coleta de relatos e outros elementos foi elaborado um instrumento composto por um questionário rápido, além da possibilidade eventual e voluntária de maior e mais demorado aprofundamento.

O procedimento de coleta de dados não oferece risco às pessoas que participarem do estudo. As informações coletadas on-line serão armazenadas em um banco de dados onde os(as) respondentes serão identificados(as) apenas por um numeral e/ou por um pseudônimo, e serão analisadas em conjunto com os dados fornecidos por outros(as) participantes. A apresentação dos resultados desta pesquisa em eventos acadêmico-científicos, blogs, artigos científicos ou livros será feita de forma a preservar o sigilo quanto à identidade dos(das) participantes.

Esteja ciente de que, se você concordar em colaborar com esta pesquisa, não receberá compensação financeira por sua participação. O participante, ao concordar com os termos aqui apresentados, abre mão de eventuais direitos autorais relativos aos relatos fornecidos voluntariamente. Saiba, também, que terá o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Para participar desta pesquisa é preciso ter mais de 18 anos ou a autorização prévia escrita dos pais ou responsáveis.

Caso tenha alguma dúvida sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Prof. Gilson Iannini, coordenador da pesquisa.

Prof. Gilson Iannini - DPSI-UFMG  
E-mail: [gilsoniannini@yahoo.com.br](mailto:gilsoniannini@yahoo.com.br)

1. Leia e escolha uma das alternativas abaixo da seguinte declaração: Declaro que tenho 18 anos completos ou mais, li e entendi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado e \*  
*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo e aceito participar da pesquisa
- Não quero participar da pesquisa

### Sobre você

2. Pseudônimo \*

---

3. Idade \*

---

4. Gênero \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer

5. Local de Residência \*  
Cidade, Estado

Além das perguntas propostas, você também pode nos contar sobre seus sonhos por meio de mensagens de áudio, imagens ou textos, enviando-os para @sonhosconfinados, no Instagram, ou para o e-mail [sonhosconfinados@gmail.com](mailto:sonhosconfinados@gmail.com)

6. Relate seu sonho. Tente contar o que se lembra. Escreva à vontade. \*

---

7. Você se lembra de alguma coisa que pensou, viu, ouviu, leu e/ou vivenciou no(s) dia(s) anterior(es) à noite do sonho que possa estar relacionado ao sonho e que ache importante relatar?

---

8. Tente anotar o que está passando na sua cabeça neste exato momento, mesmo se não tiver relação com o sonho. Escreva "sem pensar". Pode associar à vontade.

---

9. Como você entende, interpreta ou explica esse sonho? Acrescente o que quiser.

---

10. Você faz análise ou alguma terapia?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Outro

11. Você contou esse sonho a um psicanalista ou um terapeuta? Como foi? Pode escrever à vontade.

12. Você gostaria de falar com um(a) psicanalista de nossa equipe sobre esse sonho? Como prefere ser contatado?

Deixe seu contato, isso será feito de forma gratuita e sigilosa. O tempo de espera para nosso retorno é, aproximadamente, 10 dias.

Se preferir, pode ir direto ao fim da página e concluir o envio do formulário

13. Sua cidade decretou regras estritas de isolamento?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

14. Como a Pandemia afetou sua rotina?

Afetou um pouco, minha rotina não foi muito alterada

- Afetou bastante. Estou em isolamento parcial, saio apenas para trabalhar e/ou atividades essenciais (saio mais de 2x/semana)
- Afetou demais. Estou em isolamento total. Saio no máximo 1x/semana, para atividades essenciais

15. Escreva de 3 a 5 palavras que melhor descrevem seus pensamentos ou sentimentos diante da pandemia

16. Você trabalha em serviços essenciais diretamente relacionados à pandemia, como por exemplo serviços de saúde? Se sim, qual?

**Obrigado!**

Acompanhe a gente em [@sonhosconfinados](#)

## ANEXO B

### SONHOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pesquisa sobre sonhos produzidos durante o período da Pandemia Mundial de COVID-19, sejam eles relacionados ou não à pandemia.

**\*Obrigatório**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “SONHOS EM TEMPOS DE PANDEMIA” realizada por um grupo de pesquisadores, psicanalistas e apaixonados por sonhos. A pesquisa é coordenada por professores de três instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com a colaboração de outras três instituições: UFRN, UFRJ e UFC. A pesquisa tem como objetivo coletar relatos de sonhos produzidos durante o período de pandemia de COVID-19, bem como outros elementos a eles relacionados, sejam materiais escritos ou orais, a fim de compreender consequências psíquicas do momento atual.

Para participar, além de ler e compreender bem este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, é preciso que você leia a declaração ao final deste texto e clique que concorda em participar, o que lhe dará acesso ao questionário on-line. Caso queira, é possível arquivar e/ou imprimir uma cópia deste termo.

Para a coleta de relatos e outros elementos foi elaborado um instrumento composto por um questionário rápido.

O procedimento de coleta de dados não oferece risco às pessoas que participarem do estudo. As informações coletadas on-line serão armazenadas em um banco de dados onde os(as) respondentes serão identificados(as) apenas por um numeral e/ou por um pseudônimo. A apresentação dos resultados desta pesquisa em eventos acadêmico-científicos, blogs, artigos científicos ou livros será feita de forma a preservar o sigilo quanto à identidade dos(das) participantes.

Não haverá compensação financeira por sua participação na pesquisa. O participante, ao concordar com os termos aqui apresentados, abre mão de eventuais direitos autorais relativos a relatos fornecidos voluntariamente. Saiba, também, que terá o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Para participar desta pesquisa é preciso ter mais de 18 anos ou a autorização prévia escrita dos pais ou responsáveis.

Caso tenha alguma dúvida sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis:

Prof. Dr. Christian Dunker - USP [oniropolitica@gmail.com](mailto:oniropolitica@gmail.com)

Prof. Dra. Claudia Maria Perrone [oniropolitica@gmail.com](mailto:oniropolitica@gmail.com)

Prof. Dra. Gilson Iannini – DPSI-UFMG [sonhosconfinados@gmail.com](mailto:sonhosconfinados@gmail.com)

Profa. Miriam Debieux Rosa - USP [debieux@terra.com.br](mailto:debieux@terra.com.br)

Profa. Dra. Rose Gurski [oniropolitica@gmail.com](mailto:oniropolitica@gmail.com)

Esta pesquisa continua e engloba as pesquisas:

- Oniropolítica em Construção
- Sonhos confinados

1. Leia e escolha uma das alternativas abaixo da seguinte declaração: Declaro que tenho 18 anos completos ou mais, li e entendi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado e \*  
*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo e aceito participar da pesquisa
- Não quero participar da pesquisa

Ao utilizar um nome fictício, sua privacidade será resguardada

1. Pseudônimo \*
- 

2. Idade \*
- 

3. Gênero \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer

4. Qual a sua ocupação/profissão principal?
-

5. Como você se declara quanto à cor/raça?

As opções são baseadas na classificação do IBGE

*Marcar apenas uma oval.*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela/Asiática
- Indígena

6. Local de Residência \*

Cidade, Estado

---

7. Escolaridade

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Completo
- Pós-graduação incompleta
- Pós-graduação - Mestrado completo
- Pós-graduação Doutorado completo

**Sobre seu sonho**

8. Relate seu sonho. Tente contar o que se lembra. Escreva à vontade. \*

---

---

---

---

---

9. Você se lembra de alguma coisa que pensou, viu, ouviu, leu e/ou vivenciou no(s) dia(s) anterior(es) à noite do sonho que queira relatar?

---

---

---

---

---

10. Tente descrever o que está passando na sua cabeça agora, mesmo se não tiver relação com o sonho. Associe livremente.

---

---

---

---

---

11. Como você entende, interpreta ou explica esse sonho?

---

---

---

---

---

12. Sobre o sonho que relatou acima, você diria:

*Marcar apenas uma oval.*

- “essa noite, tive um sonho”
- “essa noite, tive um sonho ruim” (mas não era exatamente um pesadelo)
- “essa noite, tive um pesadelo”

13. Você tem sonhado diferente de como sonhava antes da pandemia? Se sim, que diferenças você percebe?

---

---

---

---

---

14. Você faz algum tipo de tratamento na direção de sua saúde mental? Se sim, qual tipo?

---

---

---

---

---

Um pouco mais  
sobre você

Se preferir, pode ir direto ao fim da página e concluir o envio do formulário

15. Sua cidade decretou regras estritas de isolamento?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

16. Como a pandemia afetou sua rotina?

*Marcar apenas uma oval.*

Não afetou a minha rotina

Afetou um pouco, minha rotina praticamente não foi alterada

- Afetou bastante. Estou em isolamento parcial, saio apenas para trabalhar e/ou atividades essenciais (saio mais de 2x/semana)
- Afetou demais. Estou em isolamento total. Saio no máximo 1x/semana, para atividades essenciais

17. Você gostaria de comentar como a pandemia modificou sua rotina? (doméstica; no trabalho; na vida social; na vida familiar; etc.)

---

---

---

---

---

18. Escreva de 3 a 5 palavras que melhor descrevem seus pensamentos ou sentimentos diante da pandemia

---

19. Você trabalha em serviços essenciais diretamente relacionados à pandemia, como por exemplo serviços de saúde? Se sim, qual?

---

20. Você tem filhos e mora com eles durante a quarentena?

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim, tenho 1 filho que está comigo durante a quarentena
- Sim, tenho 2 ou mais filhos comigo durante a quarentena

21. Você é responsável por cuidar de alguém que faz parte de grupo de risco para COVID 19 (idosos, portadores de doença crônica, etc)?

*Marque todas que se aplicam.*

- Não
- Cuido ou convivo quase diariamente com pessoa que faz parte de grupo de risco
- Faço parte de grupo de risco

22. Você ou pessoas afetivamente próximas a você tiveram COVID-19?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

23. Você perdeu alguém devido ao COVID-19?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

24. Como você se sustenta atualmente? [Pode assinalar mais de uma resposta]

*Marque todas que se aplicam.*

- Não tenho renda
- Recebo ou pretendo receber auxílio governamental (bolsa família, auxílio emergencial, seguro desemprego ou outros)
- Recebo auxílio de parentes ou amigos
- Tenho renda de atividade informal
- Estou empregado e recebendo normalmente
- Outro: \_\_\_\_\_

**Obrigado!**

Acompanhe a gente em @sonhosconfinados